



Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca –CEFET/RJ

Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Programa de Pós-Graduação em Relações Etnicorraciais

**O DIALOGO ENTRE MILTON SANTOS E RACIONAIS MCS, O LOCAL, O GLOBAL EM  
QUESTÃO.**

**DEMETRIUS SILVA GOMES.**

Rio de Janeiro

29/12/2015.



O DIALOGO ENTRE MILTON SANTOS E RACIONAIS MCS, O LOCAL, O GLOBAL EM  
QUESTÃO.

Demetrius Silva Gomes.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnicorraciais no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Mario Luiz de Sousa.

Rio de Janeiro

Setembro/2015.

O DIALOGO ENTRE MILTON SANTOS E RACIONAIS MCS, O LOCAL, O GLOBAL EM  
QUESTÃO.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações  
Étnicorraciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca  
CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

DEMETRIUS SILVA GOMES.

Aprovada por:

---

Orientador, Prof., Dr. Mario Luiz de Sousa.

---

Prof. Dra. Mariana Lamego.(UERJ).

---

Prof. Dr Alvaro de Oliveira Senra. (CEFET).

---

Prof. Dr Flávio Anicio Andrade. (UFRRJ).

Rio de Janeiro  
29/12/2015.

## FICHA CATALOGRÁFICA

G633 Gomes, Demetrius Silva

O diálogo entre Milton Santos e Racionais MCs, o local, o global  
em questão / Demetrius Silva Gomes.—2015.  
x, 74f. + anexos : il. (algumas color.) ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação  
Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2015.

Bibliografia : f. 72-74

Orientador : Mario Luiz de Sousa

1. Relações etnicorraciais - Brasil. 2. Geografia (Ensino médio)  
– Estudo e ensino. 3. Racionais MC's (Conjunto musical). 4.  
Identidade (Psicologia). 5. Santos, Milton, 1926-2001. I. Sousa,  
Mario Luiz de (Orient.). II. Título.

CDD 305.800981

## Dedicatória

Ao meu pai Sebastião Reis Gomes (in memoriam), pelo seu legado, coragem. Seu exemplo estará para sempre guardado e atravessará gerações, sua construção sólida cresce a cada dia mais, seus ancestrais estão e estarão tijolos após tijolos sedimentando o seu sonho, sonho esse que representa a aventura do conhecimento.

A Cátia Valéria (in memoriam) que acreditou no sonho e caminhou ao meu lado até que Deus a chamasse, antes deixou duas sementes e fez história, sua contribuição para esse trabalho foi inestimável.

A Lúcia Helena companheira de todas as horas, pela paciência, fé, dedicação. Sua força foi fundamental nesses dias, seu exemplo de tenacidade é inspirador.

As minhas filhas Ana Clara e Mariana, tesouros, razão maior de tudo, aquelas que carregam a força, a magia e a beleza dos ancestrais.

Aos meus familiares que sempre me estenderam as mãos nos momentos mais agudos, foram e são meus esteios, a eles toda a minha reverência.

A Deus por tudo, sem ele nada seria possível.



## **Agradecimentos**

Ao Professor Mário por ter comprado a ideia e ter apoiado comi deias, coração e paixão pela profissão, a professora Mariana Lamego por ter começado a empreitada e ter sempre estar disponível para ajudar e indicar novos caminhos, aos professore da banca que com seus apontamentos contribuíram muito para o trabalho.

Aos meus professores do curso de mestrado em relações étnico raciais e aos professores de todos os tempos que com fé e dignidade exerceram suas atividades e são responsáveis indiretos por esse trabalho.

Ao meu amigo Flávio Pimentel, filósofo, mestre e conselheiro nas horas mais estreitas, ao meu irmão historiador, parceiro e homem de grande sabedoria.

Aos alunos que foram fundamentais no tema, na escolha e nos caminhos abertos para esse debate, a toda a direção do curso, ao pessoal da secretaria que sempre realizaram seus trabalhos nos orientando da melhor forma possível.

Ao professor Sérgio Costa por ter acendido vários faróis pelo caminho, ao mestre Milton Santos pelo legado que deixou, pelas teorias que apontam e abrem novas perspectivas, ao grupo Racionais Mc`s por terem sido fundamentais na história da música nesse país, por representarem as vozes das comunidades.





## **Epígrafe**

*Valeu Zumbi, O grito forte dos palmares.*

## RESUMO

O DIALOGO ENTRE MILTON SANTOS E RACIONAIS MCS, O LOCAL, O GLOBAL E EM QUESTÃO..

Demetrius Silva Gomes

Orientador: Prof. Dr. Mario Luis de Souza.

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação Relações Étnicorraciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O presente trabalho tem por objetivo central investigar a possibilidade da realização de um diálogo entre o Geógrafo Milton Santos e o grupo musical Racionais m'cs apoiado na disciplina geografia pelo recorte da categoria "lugar", presente na produção do professor e teórico Milton Santos e do grupo musica de "Hip Hop" Racionais mcs.

Defendemos que a interface entre a música (Hip Hop) e a linguagem científica possa redundar num discurso que embora mantendo diferenças, poderia ser trabalhado em sala de aula com alunos do ensino médio.

Através das obras de Milton Santos e dos Racionais mcs estaremos trabalhando com as categorias, Racismo Identidade, local/global.

**Palavras-chave:** Geografia; Identidade; Ensino médio; Racismo; Globalização; Hip Hop; relações étnico-raciais.

**ABSTRACT**

O DIALOGO ENTRE MILTON SANTOS E RACIONAIS MCS, O LOCAL, O GLOBAL E EM QUESTÃO..

Demetrius Silva Gomes.

Advisor: Prof. Dr. Mario Luis de Souza.

This work has the main objective to investigate the possibility of holding a dialogue between the geographer Milton Santos and the musical group Rational m'cs leaning on geography discipline by trimming the category "place", which generates the teacher and theorist Milton Santos and the music group "Hip Hop" Rational mcs.

We argue that the interface between music (Hip Hop) and scientific language can result in a speech while maintaining differences could be worked in the classroom with high school students.

Through the works of Milton Santos and Rational mcs will be working with the categories, Racism Identity, local / global.

Keywords: Geography; Identity; High school; Racism; globalization; Hip hop; ethnic-racial relations.



## Sumário.

<b>Introdução .....</b>	<b>16</b>
<b>I. Arcabouço teórico, local/global na Geografia.....</b>	<b>22</b>
<b>I.2 Identidade.....</b>	<b>28</b>
<b>I.3 Racismo.....</b>	<b>36</b>
<b>2. A importância do ensino de Geografia.....</b>	<b>41</b>
<b>3. Milton Santos e seu pensamento.....</b>	<b>46</b>
<b>3.1 Porque da escolha dos Racionais a luz das ideias de Milton.....</b>	<b>52</b>
<b>4. Racionais x Milton Santos e o lugar.....</b>	<b>63</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>70</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>73</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>76</b>



## Lista de abreviaturas

## **Introdução.**

Esse trabalho é fruto da inquietação que veio sendo fomentada ao longo da minha história de vida até desembocar na academia, durante anos a fio trabalhei como músico e ator de Teatro, o que me possibilitou viajar pelo Brasil e para outros países, tive contato com outras culturas, comunidades e linguagens que sempre remetiam ao lugar como fonte primeira de suas produções artística/culturais, outro traço se dá numa esfera digamos mais global representada pela grande mídia que ao penetrar nos lugares alteraram os processos, as formas com que as comunidades construíram seus laços e aumentaram a percepção de situações de racismo, exclusão econômica que guardadas suas particularidades geográficas tinham muito em comum, nessas viagens fui impactado pela observação de que o movimento da arte de rua vinha ganhando proporções cada vez maiores. O pelo movimento “Hip Hop” que além da música continha a intervenção do espaço urbano pelo “grafite” e da disseminação da ideia da periferia como produtora de cultura na década de 90 tinha entrado na América Latina e na Europa, principalmente “França, Portugal e Alemanha”, tive contato com alguns grupos que estavam desenvolvendo trabalhos nessa área.

Trabalhei como coordenador/diretor de uma escola de música alternativa na comunidade de “Vigário Geral” na ONG “AFROREGAE” onde as observações sobre a situação do negro no Brasil feitas empiricamente naquela comunidade foram fundamentais para uma reflexão cada vez maior sobre racismo, subalternidade, identidade e o papel da música no cotidiano, a força do local nesse processo identitário e a minha própria identidade entraram em questão. Mais tarde ao ingressar na curso de Geografia já tinha certeza que o trabalho final (TCC) traria os elementos que me acompanharam durante a vida profissional e pessoal, Música, questões raciais, e a geografia da produção artística, Milton Santos e Racionais foram escolhidos de forma natural ao longo do curso, além da Música penso que a minha formação teatral contribuiu bastante nessas escolhas, participei de uma Cia de Teatro liderada pela diretora Carmem Luz formada exclusivamente por atores negros, além de lutar pela visibilidade do artista negro trazia na sua proposta o aprofundamento do debate sobre o racismo e seus efeitos na arte de interpretação, um dos objetivos era também buscar uma identidade desses artistas descendentes de escravos, suas demandas, formas de interpretações a partir da condição de negro, como atuara num mercado onde os espaços são reduzidos para esse grupo.



Ao entrar em atividade como professor de Geografia a ampliação da discussão iniciada de forma empírica ganhou força nos pré vestibulares comunitários voltados para uma população de baixa renda predominantemente negra, depois veio a passagem para o concurso público do Estado do Rio de Janeiro e a lotação na Escola Estadual Artur da Távola no bairro Cosmos que fica nas adjacências de Campo Grande na Zona Oeste que despertou o ímpeto de levar esse debate em torno da (Música, Geografia, Racismo e Identidade) para a sala de aula já que na prática diária esses assuntos se encontram tanto no currículo como nos IPCN's, mas principalmente no dia a dia dos discentes, nas suas questões cotidianas, nos seus pertencimentos.

Ao saber sobre o programa "PPRER", não tive dúvidas de que o futuro do trabalho que tinha sido germinado na graduação estava ali. E que com a ampliação do cabedal intelectual e a bibliografia presente no programa o trabalho poderia ser bastante enriquecido e ganhar novas perspectivas e visões, no "PPRER" toda a trajetória do Músico, Professor, negro e suburbano de Campo Grande e agora pesquisador ganhou sentido.

Podemos elencar entre as questões que mobilizaram a investigação, as que nasceram antes do meu ingresso no programa e as que emergiram ao longo do curso, tais como: discutir as questões raciais, identitária a partir do universo lúdico da música popular, aprofundar o caráter interdisciplinar da Geografia e da Música, propor um diálogo imaginário entre Milton Santos e Racionais mc's de universos diferentes mas que matem entre si a inquietação com a relação global/local que aproxima esses universos, cujo as identificações diretas são a negritude, a exclusão, a globalização, o lugar, propor um viés de investigação da dicotomia local/global a partir da Geografia e da Música transformadas em ferramentas para a sala de aula.

Nosso objetivo central é tentar demonstrar a possibilidade de um estabelecer o diálogo entre Milton Santos representando a academia e Racionais Mc's representando o empirismo, a arte e sua interface com temas abordados pela Geografia através de uma linguagem lúdica que destaque o racismo, a identidade, e a força do lugar.

Como objetivo secundário nossa intenção é levar esse diálogo para a sala de aula através de aulas expositivas, oficinas e vivenciais. O arcabouço teórico fornecido por autores como Rui Moreira, Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl, Yves Lacoste, Stuart Hall, Manuel Castells, Rui Moreira, Kabengele Munanga, entraram na

composição desse trabalho para que possamos estender o leque teórico no que diz respeito ao debate geográfico e suas interfaces com a linguagem artístico-cultural, as questões raciais, identitárias, e ensino da Geografia.

Entendemos que para esse trabalho a metodologia qualitativa, com revisão bibliográfica dos Cd's e material em vídeo e análise da narrativa do discurso do grupo Racionais a partir das letras das músicas para uma maior compreensão do universo ali retratado e dos livros do professor Milton Santos, principalmente o "Por uma outra Globalização(24° Ed, 2008) e a Natureza do Espaço"(4° Ed, 2008) em dialogo com outros autores se colocou como o melhor caminho para dar embasamento a proposta.

A inserção dos autores nesse trabalho seu através do acúmulo bibliográfico oferecido durante o programa do PPRER e pelas leituras iniciais propostas no projeto de pesquisa, assim Rui Moreira, o próprio Milton Santos, estão entre os autores citados no projeto de pesquisa que mantinham um diálogo sobre o papel da Geografia, a relação local/global, a força do lugar, os aspectos culturais e de resistência que os lugares suscitam. A eles foram incorporados autores como Kabengele Munanga que aprofunda o discurso sobre racismo, Stuart Hall que ao trazer temas como: Identidade, diáspora, etnia e a relação global/local adicionaram elementos consistentes desenvolvidos por eles que de certa forma harmoniza e contrapõe com o dialogo proposto, Manuel Castells que desenvolve um trabalho que permeia esses temas, foi também incorporado no decorrer do curso, suas proposições sobre os movimentos sociais, identidade, modernidade, pós-modernidade, entre outros, adicionaram um elemento a mais no trabalho.

A música enquanto linguagem, expressão direta de sentimentos, anseios, questões políticas, arte de combinar sons, frases, palavras, a mais popular das linguagens artísticas, depositora de identidades, ao longo do século XX e XXI vem se colocando como um fenômeno comercial que atinge tanto as classes abastadas como as classes populares, produto da interação, do convívio e das experiências dos grupos, comunidades locais e periferias mundo afora como arma de protesto, resistência, repulsão e afirmação das identidades de forma lúdica. Através dela também se estabelecem laços de solidariedade, diálogos e construções de novas identidades, como é o caso do Hip Hop que traz elementos constitutivos da Jamaica, EUA e segue incorporando maneirismos, trejeitos e formas musicais de outros países por onde

passa. A condição subalterna típica do pós-colonialismo deixada para os habitantes das periferias induziu a resposta desses grupos em forma de arte (HIP HOP), onde a globalização tanto para o bem quanto para o mal contribuiu para que se tornasse um fenômeno mundial de linguagem dos oprimidos.

A música enquanto ciência e enquanto objeto de estudos estabelece um amplo diálogo com as ciências sociais e humanas, as possibilidades de análises são múltiplas, no caso da Geografia não é diferente, pois toda a produção artística se dá num contexto inseparável da condição geográfica, as sonoridades, referências, pensamentos, ritmos produzidos por um grupo social estão intimamente ligados ao lugar, ambiente, códigos, construção cultural. Ao trabalhar com a música estaremos estabelecendo contato com uma das formas de expressão mais direta, visceral e legítima do ser humano, para a Geografia são inúmeras possibilidades como: Interpretação de música regional; As dimensões espaciais da música com relação à migração humana; organização espacial da indústria da música, o efeito da música na paisagem cultural; as relações da música com outros traços culturais em um contexto de lugar (por exemplo, religião; política, culinária, Etc); a relação da música com o meio ambiente natural; a evolução de um estilo; gênero ou música específica de um lugar.

A Geografia enquanto área do conhecimento que dialoga com as ciências sociais, através dos recortes que lhes são próprios como Estado, Nação, Território, Lugar, “especializando” os fenômenos naturais e também os movimentos humanos, a interação entre o homem e o meio, suas contradições, ações políticas e culturais em suas dinâmicas mais diversas, tem interfaces diretas com a arte enquanto fenômeno, cultural, social e político. Um diálogo entre a Música e a Geografia pode trazer a tona pontos interessantes como: Espacialização da indústria da música e sua organização em termos de marketing, o efeito e a influência da paisagem cultural, elementos simbólicos da música referentes ao lugar através da análise das letras, análise do discurso.

Ao denunciar as diferenças sociais que se projetam no espaço geográfico, os Racionais se aproximam da afirmação de Milton Santos; *“a globalização paradoxalmente incita a violência, por exigir competitividade sem ética”*. (SANTOS,1997)

Sua proposta que a primeira vista se identificava com o “Gangstar Hap”, uma das variações do movimento que utiliza a violência das periferias, o machismo e a bandidagem como mote para a produção, foi além e se constitui como uma das vozes mais proeminentes na denuncia social, dos problemas enfrentados pelos moradores e jovens das “quebradas paulistanas” e porque não dizer do Brasil.

A linguagem artística, visceral e orgânica dos racionais ao evocar o “lugar” de forma constante nas suas canções encontra um ponto de interseção com a linguagem acadêmica, crítica e cortante do geógrafo Milton Santos. As músicas refletem a vida, a intimidade, as circunvizinhanças do conjunto de favelas do Capão Redondo, os códigos, a linguagem, que eles mesmos indicam e reconhecem que se trata de um dialeto.

A evocação empírica do lugar evidenciada nas obras dos Racionais encontram paralelos nas afirmações e estudos de vários geógrafos, entre eles o geógrafo George O. Carney (2007), que ao associar a música ao lugar, diz que as experiências com a música, muitas vezes, estão ligadas aos bairros, escolas, igrejas.

Solidariedades, violência, cotidiano, contradição, afirmação de identidades, resistência, formam o escopo da obra desenvolvida pelo “Hip Hop” dos Racionais mc’s, onde o recorte “lugar” tal qual entendido pelo geógrafo George O. Carney é condicionante para a arte produzida: “As características únicas de lugares específicos podem oferecer as pré-condições necessárias a novas ideias musicais, O contexto histórico, ambiental e social de um lugar, muitas vezes, fornece cenário e inspiração para determinado grupo ou individuo criar música”.

No capítulo 1 apresentaremos o arcabouço conceitual do trabalho a partir do debate local/global na Geografia, faremos uma análise sobre a categoria identidade e algumas variações possíveis para uma melhor interpretação tanto do trabalho dos Racionais quanto do Milton Santos a luz dessa categoria.

No capítulo 2 apresentaremos uma narrativa sobre a contribuição do intelectual e professor Milton Santos onde destacamos a sua importância enquanto teórico na construção do ensino de Geografia no Brasil, faremos também uma análise do debate local/global na Geografia, pois esse recorte é fundamental para o estabelecimento do diálogo entre o grupo Racionais e o geógrafo Milton Santos.

No capítulo 3 trataremos o grupo Racionais mcs como objeto empírico a ser aplicado em sala de aula o impacto de suas obras na cultura nacional e internacional, para que possamos estabelecer um diálogo imaginário entre eles e o geógrafo Milton Santos que é o objetivo central desse trabalho, analisar duas representações da negritude brasileira separadas pelo tempo e pelo espaço, advindos de universos tão diferenciados, um acadêmico e outro artístico, mas que mantêm uma certa coerência e completude de discurso acerca de suas visões e posições em relação ao local/global presente na grade curricular do ensino médio, abordaremos através desse diálogo as identidades em questão, o hip hop e suas contradições, a globalização como farsa denunciada por ambos, o racismo e o reconhecimento de uma identidade negra.

## ARCABOUÇO TEÓRICO.

### 1.1 O LOCAL/GLOBAL NA GEOGRAFIA.

O lugar enquanto recorte geográfico é de suma importância para análise de fenômenos que se dão no espaço, por ser um recorte com extensão menor que de um território sendo esse uma porção maior do espaço onde se dá o poder político, Estado ou País, assim a observação e levantamento dos dados empíricos se tornam mais tangíveis por estarem isolados num campo de observação com dimensões mais acessíveis aos pesquisadores, para Carney ao se reportar aos lugares os geógrafos abrem um leque de possibilidades que vão desde os aspectos culturais até as influências corporativas.

Para os geógrafos, o estudo dos lugares abre uma variedade de perspectivas. Lugares fornecem ancoragem emocional para a atividade humana. São blocos de construção para o conhecimento geográfico; provedores de experiência na compreensão da paisagem cultural; palcos para eventos e lembretes de que os seres humanos precisam de espaço para trabalhar, viver e brincar. As pessoas criam e marcam os lugares de acordo com seu conhecimento específico, graus de tecnologia, desenvolvimento histórico e até mesmo fantasias. Concluindo, lugares estão envolvidos em importantes decisões, tanto pessoais quanto corporativas.(CARNEY, 2007, pág 129).

O cotidiano, a vizinhança, amigos, padeiros, açougueiros, a namorada, supermercados, espaços de lazer, encontros religiosos, laços que podem ter se originados desde o nascimento de um indivíduo que ali construiu sua teia de relacionamentos, e se sente como parte de uma comunidade, é lógico que essa relação de pertencimento muitas vezes traz também tensões, conflitos, mas ali a vida social e a solidariedade estarão latentes.

Existe ainda um conceito estudado pelos geógrafos e por pesquisadores de outras áreas que elegem o território como objeto que versa sobre o “não lugar” em oposição ao lugar, o “não lugar” seria um espaço vazio dessas experiências, no máximo um espaço transitório, não fixo do fluir da vida humana, como aeroportos, salas de aulas, hotéis.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a modernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente a modernidade baudelariana, não integram lugares antigos: estes, repertoriados a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 1994. PÁG 73).

Ao colocar em oposição o lugar e o não lugar os estudiosos se debruçam sobre a categoria ou recorte “o lugar” como porção do espaço onde o relacionamento entre pessoa e lugar é recíproco, simbiótico, através dessa interação é que o indivíduo desenvolverá seu desenvolvimento psicológico, vivenciará o lar, a rua, e estará inserido no estado, região e nação, ou seja, o lugar é a menor porção desses recortes e aquele que pode traduzir a identidade local, o vir a ser da pessoa no campo sócio-cultural.

Todos os lugares carregam marcas culturais, refletem nossas aspirações, valores, gostos, nossa disposição diante do meio físico, mas não são estáticos, mudam continuamente, e são carregados de significados por aqueles que o habitam.

Para Stuart Hall ao homegeinizar a cultura a globalização trouxe uma fascinação pela diferença, “portanto haveria juntamente com o impacto global um novo interesse pelo local”, dessa relação nasce uma nova forma de pensar a dicotomia local/global, uma nova articulação se dá, trazendo novas identificações “globais” e novas identificações “locais”.

A globalização dissolve barreiras, busca a ocidentalização num movimento que se dá do centro para a periferia, do centro colonial para a periferia colonizada de forma imediata, assim a globalização teria um dono e ele é representado pelos países ocidentais em grau de desenvolvimento maior através da indústria cultural que espalha apoiada pela mídia seus artefatos, suas formas de pensamento para as periferias que abertas a essas influências de forma desigual dependendo do local, há lugares onde a capilaridade é maior e outros com um grau de penetração menor, Hall salienta que o movimento e as influencias trazidas pela interdependência global atua nos dois sentidos e com maior intensidade no centro do sistema global, um dos exemplos vem das culinária “exóticas”, étnico ou culturais que está presente nas cidades globais como: Londres, São Paulo, Paris, Londres, Manhattan, longe de Nova Deli por exemplo. O fascínio pelo diferente é um dos efeitos colaterais dessa nova relação

global/local desdobramento das primeiras fases da globalização através de suas trocas desiguais, agora ele persiste na “modernidade tardia”.

Ao observar a História recente Hall propõem três qualificações que apontam consequências da globalização quando esta homogeneiniza as identidades:

- A) *A globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compressão espaço-tempo.*
- B) *A globalização é um processo desigual e tem sua própria geometria do poder.*
- C) *A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compressão espaço-tempo.*

Na primeira qualificação Hall chama atenção para o fato de que as identidades locais ao serem confrontadas podem passar por um processo de resistência que as levem a reforçar suas posições enquanto comunidade ativa e com códigos e identificações próprias.

A segunda versa sobre o fato de que a globalização é distribuída desigualmente ao redor do globo, ela está sujeita a regiões diferentes, populações também diferentes dentro de uma mesma região, o que demanda mais energia, estratégias diferenciadas, se pensarmos num país como o Brasil, por exemplo, poderemos identificar essas diferenças entre os estados, suas populações, linguagem, costumes, forma de inserção social.

.Na terceira qualificação Hall recorre a Segunda Guerra Mundial para apoiar seu ponto de vista: *Talvez o exemplo mais impressionante desse terceiro ponto seja o fenômeno da Segunda Guerra Mundial, as potencias europeias descolonizadas pensaram que podiam simplesmente cair fora de suas esferas de influencia, deixando as consequências do imperialismo atrás dela.* (p.81).

O que se deu foi uma das migrações mais longas e não planejadas da história recente, pobreza, secas, guerras civis, motivaram esse enorme movimento da periferia em direção ao centro, o mais emblemático nesse fenômeno é a propaganda, a ocidentalização como via para uma vida melhor, o consumismo como atrativos para a oportunidade de uma vida melhor, as mensagens dos atores globais foram e estão



sendo assimiladas e as respostas inevitáveis estão sendo dadas em forma de movimentos populares, artísticos, novas identidades que emergem, confrontos colocam em xeque velhas certezas no que tange ao tema “alteridade”.

Ao se impor através do capitalismo a globalização trouxe uma nova lógica nas relações em nível mundial. Segundo Santos p.313. *Antes o que era local-local; agora é local-global*, o que gerou uma mudança considerável nos comportamentos, leituras, e formas de atuação no espaço, com isso houve uma mudança na filosofia das grandes corporações que se basearam na premissa de pensarem globalmente e agirem localmente, ou seja, traça-se uma estratégia que possa abarcar o maior número de mercados possíveis tentando sempre trazer referências locais desses mercados (culturas) para uma maior eficácia nas vendas, assim “o global” se coloca numa posição vertical, aonde as estratégias e decisões vem de cima ou do centro para a periferia e o local seria horizontal, as relações se estabelecem pela intimidade, no pertencimento, no cotidiano. O local materializado no recorte geográfico de “lugar” recebe as informações, influências, propagandas e ideias trazidas pelos agentes globais, mas não de forma passiva, pois assimila e reprocessa essa gama de influências através da sua própria lógica baseada na horizontalidade, esse *local* segundo Milton Santos não é a imagem e semelhança do *global*, ao reter elementos da globalidade ele também recusa aquilo que não serve como material para sua existência ou reprocessa segundo a sua lógica, instala-se o conflito:

A ordem local busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. A ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única que os constitui em sistema. A ordem local é associada a uma população contigua de objetos, reunidos pelo território e como território, regidos pela interação. A ordem global funda escala superiores ou externas a escala do cotidiano. Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o calculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co- presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade. (Santos.pág 339).

Para Milton Santos o “lugar”, tem um papel dialético fundamental no processo de globalização, pois ele sofre diretamente as ações globais e ao mesmo tempo negocia com essa esfera global uma garantia de sua posição como entidade própria, embora incorporando os símbolos, signos da mundialização, o lugar resiste a essas forças, mas também se confunde com elas.

Para ele existem “lugares globais simples” e “lugares globais complexos”, no primeiro caso algumas características da globalização e da “modernidade” se instalam no local trazendo informações e tecnologias que alteram de forma não muito profunda a rotina e a identidade dos habitantes, no segundo caso a influência é mais profunda, são lugares onde há uma maior profusão de vetores econômicos, culturais e tecnológicos, as cidades globais, metrópoles regionais são exemplos clássicos desse modelo. Os lugares podem emergir como focos de resistência, mas também como espelhos da globalidade. *O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.* (SANTOS, Pág. 342)

Ao investigar o espaço Milton Santos destaca o lugar como produtor de uma identidade forjada através da convivência diária que se dá no local, estando o lugar aberto e suscetível a constante influência e apelos da estrutura cultural criada pelos agentes globais que acaba por ser reproduzindo na cultura local, Milton Santos depositou ali não só um conjunto de teorias, mas também certa esperança de que esse recorte é o último reduto de resistência, de possibilidades de novas leituras, de solidariedades que podem fazer frente ao lado perverso da globalização. Suas ideias se encaixam, embora com diferentes pontos de vista as de Stuart Hall que escarafunha o papel do local nas identidades, no multiculturalismo fruto de encontros, migrações, movimentos forçados ou não, herança latente do processo de descolonização das periferias agora interdependentes e ocidentalizadas, lugares por excelência representantes do multiculturalismo, uma vez descolonizadas essas periferias vão em direção ao centro num movimento migratório constante e cada vez mais complexo. Em algum momento as afirmações de Milton Santos sobre o lugar dialogam com a geógrafa britânica Dorren Massey para qual o local não é estático, está sempre em movimento assim como o centro, esse dialogo pode se estender ao geógrafo Paul Claval e George O Carney pesquisadores que tem seus trabalhos

identificados dentro da “Geografia Cultural”, autores que se dedicam a estudar os lugares através das manifestações culturais, da religiosidade. A música ocupa uma posição importante nesses estudos, principalmente para George O Carney, que trabalha o conceito de paisagens sonoras e extrai do lugar o componente fundamental para que possamos observar a partir da geografia as variadas formas de se produzir música, influenciadas e influenciadoras do lugar a música e seus estilos estarão intimamente ligados com a comunidade, bairros, ruas, contextos sociais e culturais de onde ela advém, as manifestações culturais espaciais serão o tecido básico para o trabalho de pesquisa e do desvelamento do processo identitário.

*“As experiências com música, muitas vezes, estão associadas a lugares do bairro, como escolas, igrejas e centros comunitários. Uma pessoa pode ter tocado na orquestra de uma escola do ensino médio, cantado em um coro de igreja ou participado de uma banda comunitária. Diversos subgêneros da música se originaram em bairros e estão historicamente associados a um som específico, como o Rap “Old School” no Bronx, o Rap “Gangstar” em Compton e o “Rock and Roll” no sul da cidade de Filadélfia. A música, muitas vezes aparece de maneira significativa no controle cultural de um bairro como lugar”.(Carney.pág 124)*

Estamos na cultura assim como estamos nos lugares, experiências, pertencimento, contradições, memórias, o “lugar” ou “local” promove através do ambiente as ferramentas básicas relacionais através das quais o indivíduo enquanto corpo social irá se desenvolver em interação com o grupo, trabalhar ideias, conviver com seus pares através de relações profundas que tanto trarão conflitos como acomodações, códigos, linguagens, trejeitos, cosmo visões da religião, da vida, das coisas ao redor, toda uma conjuntura que em última estância forjará a identidade ou as identidades dos convivas.

As identidades estão intimamente ligadas as nossas relações com o lugar, se no lugar apreendemos, fora dele nos apresentamos e apresentamos as experiências vividas nele, a nossa forma de atuação no mundo é sempre “territorialista”, esse processo sempre “grita” dentro do indivíduo remetendo a ele a seu território, seu entendimento do mundo, seu ser/estar, sua identidade.

## CAPÍTULO I.2 – IDENTIDADE.

Ao se debruçar sobre a questão da identidade Stuart Hall assevera que o conceito é complexo e fugidio, como abordar identidade num mundo onde as paisagens culturais passam por profunda fragmentação que abarca classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade? Na atualidade envolta a tantas variações, migrações, guerras, encurtamento das fronteiras levou a instalação da “crise de identidade”. *As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado, Assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança.* (Hall p.7).

Para um melhor entendimento o autor dividiu em três concepções o processo identitário, a primeira “sujeito do Iluminismo”, essencialmente machista e individualista, pois o sujeito do Iluminismo é masculino, eram projetados nesse sujeito os princípios próprios da época, razão, consciência, unicidade e centralidade. A segunda concepção trata do “sujeito sociológico”, em conformidade com a complexidade do mundo moderno trazia na relação “sujeito-Meio”, a identidade é forjada da relação entre o eu a sociedade, que traz uma noção de estabilidade, ou seja, a partir do momento em que o sujeito consegue preencher o interior e o exterior ao se relacionar com os códigos, cultura e alinhar seus sentimentos, a identidade tende a se estabilizar.

A terceira, denominada como “o sujeito Pós- moderno” questiona a mobilidade pela qual as sociedades vêm sofrendo com a fragmentação cada vez maior, as paisagens culturais em ebulições constantes, afetando inclusive o processo de identificação, tudo é provisório, variável, o processo histórico se coloca como principal aferidor em contraposição ao biológico, a identidade não é unificada, pelo contrario é contraditória, o sujeito aqui pode se identificar com um numero cada vez maior de identidades, pois com a multiplicação das representações culturais, elas se espalham e nos confrontam a buscar identificação com as varias possibilidades que se apresentam, podendo estas identificações serem fixas ou temporárias

Stuart Hall alerta o leitor que essas concepções são pontos de partida, ponto de apoio, não estão fechadas e tão pouco se pretende cair o simplório, pois as argumentações que surgirão daí darão o norte do seu pensamento.

O choque entre tradução (identidades obtidas ou originadas do hibridismo, diaspóricas) e tradição (identidades que tentam recuperar a pureza, as unidades e as certezas perdidas) marca o conflito desse novo processo identitário, e a globalização é a principal agente desse processo.

“Em toda parte estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que cada vez mais comuns num mundo globalizado”. (Hall. Pag 88).

Manuell Castells salienta que a identidade enquanto ferramenta de análise social não pode ser confundida com “os papéis” que desempenhamos na sociedade, já que “papéis” são definidos por normas ditadas pelas instituições e organizações sócias, tais como igrejas, sindicatos, meio profissional, já a identidade abarca um espectro maior na vida do individuo, em suma, identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções.

“No que diz respeito atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado individuo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltipla, no entanto essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na representação quanto na ação social. Isso porque é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o que os sociólogos têm chamado tradicionalmente de papéis, e conjuntos de papéis”. (Castells p. 22).

Para Manuel Castells na atualidade o conceito de identidade é mais importante como instrumento de análise do que a etnia, ao analisar as questões referentes a população negra dos EUA Castells observou a divisão em classes sociais entre os afro americanos, forjando identidades distintas, um fenômeno ao qual ele denominou de “desagregação étnica”, a ascensão de uma parcela da população fez com que um dos princípios da atuação histórica que marca a cultura afro americana fosse quebrada que é a união em prol das conquistas da comunidade, essa rede se fragmentou e colocando em lados opostos grupos da comunidade negra. De um lado a classe média que buscou moradia, escolas em bairros fora do eixo da violência e pobreza para criar seus filhos e do outro os pobres que além dos problemas costumeiros, enfrentam também a crise econômica que assola o país.

Paralelamente, os guetos do final do milênio vêm desenvolvendo uma nova cultura, composta de aflições, raiva e reação individual contra a exclusão coletiva, em que a negritude importa menos que as situações de exclusão, nascidas nas ruas e consolidadas pelo entra e sai das prisões. O rap e não o Jazz, é o produto dessa nova cultura, que também expressa uma identidade, também está fundada na história negra e na longa tradição norte americana de racismo e opressão social, no entanto incorpora novos elementos: a polícia e o sistema penal como instituições centrais, a economia do crime como chão de fábrica, as escolas como área de conflito, as igrejas como redutos de conciliação, famílias madrecêntricas, ambientes depauperados, organização social baseada em gangues, uso de violência como meio de vida. São esses os novos temas da nova arte e Literatura negra nascidos da nova experiência do gueto. Mas de forma alguma se trata da mesma identidade formada pela classe média afro-americana por meio da cuidadosa reconstrução da condição humana da raça. (Castells. P. 76).

Castells introduz um novo olhar sobre a “sociedade em rede”, onde uma identidade primária daria suporte as demais, buscando identificar a identidade individual e coletiva, ela é construída pelas relações de poder, pela religião, Geografia, História, Biologia, mas também é ancorada pela estrutura social.

A relação de poder faz com que os conteúdos, códigos e formas, como, para quem, por quem e para que essa construção é dirigida por aqueles que a arquitetam,

onde pessoas dela se excluem ou se identificam de acordo com seus interesses, para melhor entendimento desse conceito Castells propôs três formas que poderiam dar origens as identidades:

. *Identidade legitimadora*: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennett, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo.

. *Identidade de resistência*: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõe Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade.

. *Identidade de projeto*: quando atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, a família patriarcal e, assim, a toda estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram.

Para o autor essas identidades são conjunturais e circunstanciais, podem mudar, se transformarem de acordo com o contexto, assim uma identidade de resistência pode ser transformar em identidade de projeto o que daria maior organização e apelo para sua causa, e num estágio acima passar a ser um identidade legitimadora, pois assim o processo de dominação poderia ser melhor racionalizado. Na esteira do pensamento de “Gramsci”, Castells avança a possibilidade de que a sociedade civil tem suas origens intimamente ligadas a “identidade legitimadora”, atores sócias, instituições, organizações legitimam e reproduzem uma identidade que racionaliza a dominação, ainda que conflitante e com algumas contradições.

A identidade de resistência, pode também ser entendida como ‘identidade defensiva’, pois ela floresce entre grupos excluídos, oprimidos que buscam na formação de comunidades o ambiente ideal para se exporem, Castells acredita que esse é o mais importante tipo de construção identitária, pois ela torna suportável a pressão

exercida pelas classes dominantes, via o coletivismo, identidades essas que sofrem interferência direta da ciência, História, Geografia para legitimarem sua fragilidade. O ressentimento e a exclusão são os combustíveis que alimentam essa identidade.

Já a identidade de projeto aponta pela aspiração de uma vida diferente, podendo ter sido originalmente uma identidade oprimida, porém agora seu projeto encontra eco na sociedade, se prolonga no sentido de transformar as bases dessa sociedade, movimentos religiosos, liberação feminina, ao longo da História esse tipo de fenômeno aconteceu várias vezes, basta dar uma visitada no cristianismo que provou provavelmente os três tipos de projetos.

O nosso objeto de estudos “Racionais/Milton Santos” no diálogo proposto estão em conformidade com os tipos de identidades que expusemos acima, para Milton Santos a partir do lugar, ou seja, da identidade de resistência advinda da opressão dos aparelhos globais, sairia uma nova globalização, Castells procura inserir sua leitura na sociedade em rede, no que ele denominou de modernidade tardia, para além das pós-modernidade.

Podemos a essa altura retomar Stuart Hall, no pensamento que ele desenvolveu em cima do tema “jogo de identidades”, demonstrando o quão complexo e embaralhado pode ser tornar o conceito de identidade quando colocado em perspectiva numa sociedade pós-moderna e multifacetada como a norte americana por exemplo, que podem colocar indivíduos de etnias semelhantes de lado opostos, quando outras variantes entram em jogo como a questão sexual, de gênero, política ou classe social, as identidades multiplicam, convergem e se dividem nesse “jogo”. Hall chega a algumas considerações interessantes a partir desse raciocínio:

A primeira de que as identidades podem ser conflitantes, num movimento de cruzamento constante, as contradições atuam o tempo todo no interior, no exterior da sociedade e na cabeça de cada indivíduo, existe uma “identidade mestra” que embora sendo a mais abrangente não consiga alinhar outras, interesses de classe não dão mais conta de uma mobilização que possam conciliar todas as identidades, a erosão da identidade mestra diante de um mundo cada vez mais fraturado, acaba por trazer para a tona novas identidades, com bases e pensamentos políticos novos, como o feminismo, luta ecológica, etc.



Ao traçarmos o objetivo de trazeremos um “diálogo imaginário” entre Milton Santos e grupo Racionais mc’s através daquilo que melhor os representam que é no caso do grupo “Racionais” sua obra através de cd’s, dvd’s, entrevistas e principalmente seu discurso impresso nas letras das músicas e no caso do professor Milton Santos suas ideias eternizadas nos seus livros, documentários em torno do seu trabalho, entrevistas, nossos esforços se concentraram em quais assuntos e recortes seriam coerentes e revelariam de forma mais clara a interface de trabalhos separados pela linguagem, uma artística e outra acadêmica, pelas propostas direcionadas a um público diverso, pois Milton Santos fala para estudantes, pesquisadores e leitores das ciências sociais, já o grupo “Racionais” direciona sua comunicação prioritariamente para o povo “das quebradas”, para as pessoas que curtem o estilo “Hip Hop” e se identificam com as mazelas daqueles que vem do “gueto”, Percebemos que a “identidade”, a discussão em torno do “Local/Global” eram temas recorrentes nas duas obras, assim como a questão racial, a pobreza, a invisibilidade social e questões que envolvem a metrópole no que tange a exclusão, temas esses que estaremos aprofundando no próximo capítulo, onde estaremos abordando esse “diálogo imaginário”.

Onde o lúdico se encontra com o acadêmico? Ou não seria academia com suas regras, rituais, postulados, uma ludicidade organizada, que nega esse caráter no afã de que a ciência se distancie de linguagens como a Literatura, a Música que utilizam o “simbólico” como linguagem e a ciência o “real”, isso colocaria as duas áreas em campos opostos onde objetividade é ciência e subjetividade seria a arte.

Entendemos que a vida humana se faz conjugando o real e o simbólico, uma leitura rica em simbolismos, subjetividade pode trazer uma interpretação do espaço que ao se fundir com essa pretensa objetividade científica um resultado satisfatório, pois ambas estão ancoradas na construção que sujeito faz de si, de seus pares, dos diferentes (alteridade) e do espaço, principalmente do lugar. Na sociedade “pós – moderna” ou em “rede” a leitura dos fenômenos pelo viés cultural se faz necessária para que possamos perceber que a globalização se faz também e prioritariamente através da cultura.

A ressaca da escravidão ainda não passou e a incorporação do negro e da sua imagem no imaginário brasileiro vem se dando de forma enviesada, maculada, de animal sem alma a elemento chave da democracia racial, de força de trabalho a bufão de carnaval, de viril o usurpador de vagas via cotas, de cabelo ruim a “Black is

beautiful”, De objeto de desejo causado pelas misturas (mulata, morena) a corpos inojantes cheios de ginga.

São muitos os termos que nos definem, há muito que repensar, uma longa estrada nos espera. Talvez a cultura por sua ludicidade seja um dos caminhos mais proeminentes para trabalharmos essas questões, até aqui tem sido um caminho eficaz de reconhecimento, reflexão e expressão da nossa identidade, ainda que processada pelos meios de comunicação, pasteurizadas pela globalização, folclorizada para que ser torne palatável, inteligível, sua essência está lá, seu tom revolucionário em maior ou menor grau é inegável.

Temos o papel de pensarmos em outra via que nos defina, latinos, afros, brasileiros, crivados de regionalismos muitas vezes ambíguos, corremos para o colo do opressor e nos definimos de acordo com seus termos, talvez o processo de descolonização das mentes ainda esteja na fase embrionária, intelectuais, artistas, intelectuais orgânicos, movimento negro talvez precisem passar para um novo estágio de compreensão da nossa realidade, livres das amarras da ciência tradicional, da perspectiva eurocêntrica, inegável que esses termos que nos definem se encontram na base do pensamento ocidental eurocêntrico.

Ao nos deparar com um samba, funk carioca, maracatu de recife, samba de roda baiano, jongo, ou até mesmo uma “MPB” contemporânea somos atravessados pela, nossa identidade, diversa, rica, híbrida ainda prenhe e com muitos filhos para gestar. A mistura é tão grande que nos escapa uma forma única de definir, sabemos que ali estão os elementos culturais que nos formaram, formataram. Depurar isso é a tarefa que nos cabe, não para obtermos respostas fechadas, mas sim para que se abram novas questões.

No Brasil ainda nos deparamos com uma situação estranha na qual o opressor rechaça o oprimido, mas não se tem reservas ao incorporar os elementos dessa cultura desse grupo que ele abnegou, a elite execra os negros, as favelas, seus códigos, etc. Mas processam o material cultural em forma de entretenimento, com os Racionais isso não foi diferente, o grupo hoje, apesar de apresentar uma postura refrataria em relação a grande mídia, se tornou um das estrelas do “Mainstream” tupiniquim, uma contradição típica desses tempos apontado por Stuart Hall.

O lugar é o amalgama do processo histórico e geográfico, para o geógrafo Paul Claval onde existe gente para animar o lugar, ali existe leituras possíveis dos fenômenos geográficos, sociais e comportamentais, a condição do negro no Brasil, sua luta, sua afirmação como ator social, o papel da música como instrumento de comunicação, expressão e contestação nesse processo e a teoria geográfica formam a espinha dorsal do trabalho, foram e tem sido o combustível da nossa investigação.

### I.3 RACISMO.

Racismo, identidade são temas recorrentes nas músicas do grupo Racionais, hora aparecem como resultados de um processo histórico que alijou a população negra da construção de uma nação mais igualitária, hora como efeito colateral do sistema global que deu as costas para as periferias essas vieram a reclamar não só por meio da violência urbana, mas também através da arte, da música. Para Milton Santos o racismo obedece a uma linha de atuação que tirou da população negra a cidadania.

Com a queda do modelo biológico iniciado no século XIX, usado como justificativa para a discriminação racial, outras formas de entendimento do conceito foram sendo incorporadas no decorrer da História, no caso do Brasil o racismo vem se institucionalizando de forma muito particular, passamos pela ideologia do branqueamento que preconizava que a médio e a longo prazo a assimilação do caucasiano europeu promoveria uma limpeza étnica na nação, com a queda dessa ideologia a partir dos aferidores sociais e não pela cor da pele, foi a vez da “democracia racial”, na intenção de trazer uma identidade para a nação e para que ela se adéqua-se a ordem e ao progresso, esse pensamento ganhou força na “Era Vargas” a partir de teóricos que acreditavam e embasavam suas teses em cima do conceito de mestiçagem, para eles a força do povo brasileiro estava no hibridismo, entre esses destacamos Gilberto Freire que com certeza foi um dos pesquisadores mais proeminentes e representativo dessa geração, Freire constatou que existia uma convivência harmônica entre os escravos e os donos de engenho, embora havendo na escravidão a exploração e a violência o que se observou no Brasil foi uma maneira muito peculiar de escravidão, principalmente na relação entre os senhores e os escravizados, o produto dessa convivência é o mestiço, símbolo maior da hibridação, da força de um povo, e principalmente a mulata que espelha a sensualidade, e a mistura bem sucedida das raças.

Oscilando entre a utopia e a desfaçatez de um momento histórico cruel essas ideias se propagaram aos quatro ventos, vindo a atender toda uma demanda política na “Era Vargas” e entrando no imaginário popular por décadas, no que ficou conhecido como “Mito da democracia racial”.

O “mito da democracia racial” foi sendo desconstruído aos poucos por pesquisadores como Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Abdias do Nascimento que trouxeram para a pauta de discussões as formas veladas e nada veladas e violentas que o racismo havia assumido no Brasil ao longo do tempo.

Antonio Sérgio Guimarães volta ao tema para elucidar suas motivações e discorrer sobre as teorias e posições que sucederam o “mito da democracia racial”:

Afinal, o que é a democracia racial brasileira? Depois de denunciada como mito (ef. Fernandes, 1965) e transformada, os anos de 1980, no principal alvo dos ataques do movimento negro, como sendo uma ideologia racista, a “democracia racial” passou na última década a ser objeto de investigação mais sistemática de cientistas sociais e historiadores. A princípio prevaleceu a compreensão de que se tratava realmente de um mito fundador da nacionalidade. Afinal, o Brasil teria sido percebido historicamente como um país onde os brancos tinham uma fraca, ou quase nenhuma, consciência de raça(ef,Freyre, 1933); onde a miscigenação era, desde o período colonial, disseminada e moralmente consentida; onde os mestiços, desde que bem educados, seriam regularmente incorporados às elites; enfim, onde o preconceito racial nunca fora forte o suficiente para criar uma “linha de cor”. (*Guimarães.pág 1*)

Para Guimarães as concepções de racismo foram sendo mudadas ao longo da história recente do país, pensamentos e teorias brotaram afinadas com o contexto da qual faziam parte, depois da “Democracia Racial” entramos no período da ditadura e com ela o entendimento da questão racial passou pela ideia de universalização dos direitos, aqui o racismo é um produto direto das oligarquias, oriundo do patrimonialismo brasileiro, com a ampliação das universidades e universalização do ensino o problema seria resolvido, mas o que se deu foi uma distorção, os alunos oriundos da escola privada tiveram suas chances de ingresso nas universidades públicas ampliadas, *Com isso a rigidez da reprodução social das elites, voltando-se a associar classe, cor e oportunidades públicas de ascensão a níveis próximos, ao menos relativamente, aos da Primeira República. (Guimarães.2).*

O movimento seguinte seria identificado por Guimarães como “Quilombismo”, trazido a tona pelo movimento negro tem entre seus principais líderes Abdias do Nascimento, intelectual, escritor, diretor de teatro com uma longa estória e serviços prestados a causa racial no Brasil, uma das características desse movimento é do

resgate da auto-estima dos negros, a união dos irmãos contra a discriminação racial, a volta as origens para recuperar a história dos povos originários africanos e das lutas travadas em solo brasileiro pela liberdade, o “Quilombismo” deixou marcas inefáveis no processo de lutas e conquistas do movimento negro brasileiro, a inclusão da auto declaração do componente “negro” no IBGE em contra posição ao mulatismo, o desenvolvimento de uma legislação mais apropriada de combate ao racismo através de leis como a 7.716 e 9.469 tratando a discriminação e o racismo como crimes.

Em meio a leitura do “multiculturalismo” que entraria para a agenda na década de 90 preconizando a mistura de raças, culturas e processos migratórios como fios condutores de novas identidades, culturas híbridas, expansão da globalização, surge nos EUA a sigla “Black is Beautiful” fruto do processo de lutas dos negros americanos em busca de reconhecimento, cidadania, afirmação da identidade negra e da beleza a partir das características do próprio negro e não da ditadura da beleza e moda, a música, a dança, os maneirismos, a forma de se portar do negro são colocados em perspectiva e dão mais força ao movimento que desembarca no Brasil pelos cortes de cabelos, vestimenta, e principalmente via Hip Hop, movimento musical nascido nos guetos do “Bronx”, bairro extremamente violento de Nova York. O grupo “Racionais Mc’s ao lançar a sigla “Preto tipo A” faz uma clara referencia ao movimento. O negro que se orgulha e reconhece sua história, assume sua identidade afro que agora se transforma transversal, assim temos os Afro americanos, Afro brasileiros, todos ligados pela mãe África, filhos da diáspora.

No Brasil o racismo em certa medida ainda é encarado como “sutil”, a partir dos estudos de teóricos como Darci Ribeiro, Florestan Fernandes entendemos hoje que ele é nada sutil ou velado como há muito tempo foi propagado, pelo contrário, é violento, porem seu exercício se dá de uma forma cínica e apoiada pelo peso de séculos de opressão e naturalização da violência o que dificulta as ações contrárias de combate. Uma acurada veio do professor e intelectual Kabengele Munanga. De acordo com Munanga (2009, *on line*), aqui o racismo é um crime perfeito, a construção histórica dele foi tirando das vitimas as possibilidades de defesa, através da educação, da propaganda e da ideologia dominante aqueles que deveriam ser vitimas se sentem culpados. Em seus estudos, Telles (2003) mostra que no país a cor da pele é um marcador das relações sociais e pode abrir ou fechar espaços materiais e simbólicos.

Munanga destaca que “raça” e “racismo” passam por significados diferentes a luz da abordagem diária do conceito:

Quando utilizamos esse conceito em nosso cotidiano, não lhe atribuímos mesmos conteúdo e significado, daí a falta do consenso até na busca de soluções contra o racismo. Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas. (Munanga.pág 5).

A produção cultural/artística do negro tem sido uma marca da modernidade, na vanguarda dessa produção está os EUA, através do “Gospel, do Blues, Jazz, Soul, Hip Hop” a presença do negro é uma constante, os caminhos que um estilo musical percorre também se dá de forma muito parecida, emerge das classes pobres, passam a ser movimento de determinado grupo até atingirem a grande indústria que com seus aparelhos e aparatos reprocessam o material para torna-lo palatável, trata-se de um processo que passa pelas identidades ou identidade “negra” no atual cenário da música ocidental, os estudos sobre processos identitário nos dão boas pistas em relação a produção dos novos artistas urbanos, filhos de operários, em sua maioria a margem das políticas públicas de seus países, mas que ao entrarem para o “mainstream” como representantes de um certo “exotismo multicultural” fazem a roda da fortuna da indústria cultural de massas girar.

Para Stuart Hall (pág374) o fascínio pelo exótico, pelo diferente cresceu na chamada “pós-modernidade”, o processo de descolonização seria mais um elemento a contribuir para esse movimento em torno das produções da musica negra diaspórica, qual o legado? Como os repertórios, os maneirismos, cultura e a linguagem do negros são apresentados?



## 1.4 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA.

A Geografia – Isso Serve em primeiro lugar para fazer a guerra título do livro do geógrafo francês Yves Lacoste lançado em 1976 trouxe uma nova perspectiva para a disciplina. Segundo Paul Claval a Geografia serve para que os homens se orientem no espaço através de técnicas cada vez mais avançadas, ela serve também para auxiliar o domínio humano sobre a terra mapeando, fotografando e cruzando dados para que a ação seja cada vez mais eficaz, como outras disciplinas ela ajuda a estruturar o espaço social, por ser uma área do saber essencialmente “corolária”. Mas, Lacoste aponta para uma possibilidade mais sombria, a de que a Geografia estaria ligada aos órgãos de poder dos estados fornecendo dados, informações e apoio para que o exercício da guerra e do domínio do espaço se coloquem como inquestionáveis, ao lado de Milton Santos e de outros geógrafos fundou o que ficou conhecido como “Geografia crítica”, cujo uma das características é a desconstrução da ideia de um saber neutro, distante e inocente, muito ao contrário, ele é estratégico na manipulação das sociedades modernas, o ponto de inflexão para Lacoste foi a “Guerra do Vietnã”:

A “Guerra do Vietnã forneceu numerosas provas de que a geografia serve para fazer a guerra de maneira mais global, a mais total. Um dos exemplos mais célebres e mais dramático foi a execução, em 1965, 1966, 1967 e sobretudo em 1972 de um plano de destruição, em temática rede de diques que protegem as planícies densamente povoadas do Vietnã do Norte: elas são atravessadas por rios caudalosos, com terríveis cheias que escoam não por vales, mas, ao contrário, sobre elevações, terraços, que são formados por seus aluviões. Esses diques cuja a importância é, de fato, absolutamente vital, não poderiam ter sido objeto de bombardeamentos maciços, diretos e evidentes, pois a opinião pública internacional ali teria visto a prova da perpetração de forma precisa e discreta, em certos locais essenciais para a proteção de alguns quinze milhões de homens que vivem nessas pequenas planícies, cercadas por montanhas. Era necessário que esses diques se rompessem nos lugares em que a inundação teria as mais desastrosas consequências. A escolha dos locais que era preciso bombardear resulta de um raciocínio geográfico, comportando vários níveis de análise espacial. (Lacoste.P.27).

Lacoste a denominou como “Guerra geográfica”, para ele existiriam duas geografias essenciais, a do estado maior e a dos professores, a dos professores tem pouco mais de um século está assentada num discurso ideológico que mascara a pratica política e minimiza a importância estratégica da disciplina enquanto instrumento de poder, nela a Geografia encarna um caráter inútil, enfadonho, baseada em “decorebas” sobre afluentes de rios, populações, localizações de países pelo globo, um saber pedagógico enciclopédico que desloca o saber da aplicação pratica fora dos muros da escola, a partir daí ela se torna um conhecimento estratégico em mãos de poucos, esses poucos representam a minoria dirigente que em posse de mapas e dados estatísticos possuem uma representação precisa do espaço em suas mais variadas escalas (lugar, território, fronteiras, estados, países). Ele conclui que a tarefa da “geografia escolar” é mostrar a pátria, os símbolos nacionais, reproduzir um discurso de neutralidade e arrastar os discentes durante anos sobre uma área de conhecimento totalmente desinteressante e inerte.

O papel de Lacoste é seminal na renovação geográfica que se consolidaria na década de 70, esta entraria no Brasil e encontraria no professor Milton Santos um dos maiores expoentes internacionais dessa renovação que em pouco tempo atingiria os meios universitários os currículos e os livros didáticos, o professor/geógrafo Ruy Moreira aponta as questões centrais que nortearam o pensamento de Yves Lacoste revestidas de uma ironia fina.

O que chama mais atenção em a Geografia- Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, a parte a fina ironia de Lacoste, é o rol dos problemas e questões centrais que ele faz desfilarem através de suas páginas, todos eles pontos de crítica que tornar-se-ão bases essenciais da renovação geográfica: a indigência dos fundamentos (questão epistemológica), a falência do “projeto unitário” (a questão da dicotomia homem- meio), a farsa da neutralidade-ingenuidade científica (a questão ideológica), a fragilidade discursiva (a questão teórico- metodológica), a propensão ao gueto (a questão do isolamento disciplinar), o envolvimento classista (a questão da “geografia do professor” a da “geografia dos estados maiores”), o sentido político ( a questão militar- militante da práxis), a inaturalidade linguística ( a questão da representação cartográfica) etc. (Moreira. Pág 25).

Ao lançar o livro “Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica” em 1978 Milton Santos traz para o movimento a sistematização, revira o objeto em seu caráter crítico e epistemológico, coloca a sociedade no centro dos estudos geográficos, ela é o espaço e o espaço é ela, a mudança se dá de uma hora para outra. O rigor e a elegância dos seus textos corroboraram muito para que fossem absorvidos pela academia e pelas escolas secundárias, neles o professor Milton Santos desdobra o conceito de “Revolução Técnica Científica Informacional”, mas apurada no livro, “A natureza do Espaço”.

Ao revisitar os avanços técnicos que impulsionaram a humanidade Milton Santos sistematiza o conceito desdobrando o “meio técnico científico informacional” em três momentos cruciais.

No primeiro momento o meio natural onde a simbiose homem/natureza e a quase total, os sistemas de técnicas utilizadas alteravam pouco e visavam preservar ao máximo possível para que houvesse a continuidade do meio de vida, a agricultura itinerante, o pousio (rotação de terras na prática agrícola), são exemplos dessa relação. O segundo momento caracteriza-se por uma intensificação da mecanização do espaço, denominado por Milton Santos como “meio técnico”, nele a divisão internacional do trabalho ganha força, técnicas estranhas a lógica local se espalham com a força do comércio que passa a depender cada vez mais de sistemas técnicos eficazes, a ampliação da rede ferroviária comprime o tempo/espaço, a ascensão das grandes cidades inglesas no século XIX, trazendo protestos antimaquinistas e antecipando a batalha atual dos ambientalistas são partes desse período. O terceiro momento inicia-se após a segunda guerra mundial e irá se consolidar na década de 70. Conhecido também como período da tecnociência, numa clara referência a profunda interação da ciência com a técnica financiada pelo mercado ávido por tornar-se global, para Milton Santos “*O meio técnicocientífico- Informacional é a cara da globalização*”. A informação via informática acelera o processo, forja um tipo de onipresença mercadológica que agora não se restringe só as grandes cidades, o campo também será atingido através da alta tecnologia.

Ao traçar esses paradigmas Milton Santos estava entregando a Geografia tópicos que viriam fazer parte do ensino tanto no Brasil como no exterior, estava também lançando as sementes daquela que foi a sua teoria central a globalização e suas três

possibilidades, a saber, ela como fábula, como perversidade e como possibilidade, ou seja, uma outra globalização:

Segundo os “PCNs” a Geografia deve abordar as diferentes relações entre cidades e o campo em suas dimensões culturais, sociais e ambientais, destacando o papel do trabalho, do transporte, da comunicação, tecnologias e informação. O estudo do espaço representado pelas escalas geográficas Território, paisagem, Estado, fronteiras e lugar. Se tratando do ensino médio que o campo de aplicação empírica desse trabalho os “PCNs” apontam os seguintes objetivos:

Reconhecer e comparar o papel da sociedade e da natureza na construção de diferentes paisagens urbanas e rurais brasileiras;

Reconhecer semelhanças e diferenças entre os modos de vida das cidades e do campo, relativas ao trabalho, as construções e moradias, aos hábitos cotidianos, as expressões de lazer e de cultura; reconhecer, no lugar no qual se encontram inseridos, as relações existentes entre o mundo urbano e o mundo rural, bem como as relações que sua coletividade estabelece com coletividades de outros lugares e regiões, focando tanto o presente e como o passado;

Conhecer e compreender algumas das consequências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes na paisagem local e em paisagens urbanas e rurais;

Reconhecer o papel das tecnologias, da informação, da comunicação e dos transportes na configuração de paisagens urbanas e rurais e na estruturação da vida em sociedade;

Saber utilizar os procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja mediante fontes escritas ou imagéticas;

Utilizar a linguagem cartográfica para representar e interpretar informações em linguagem cartográfica, observando a necessidade de indicações de direção, distancia, orientação e proporção para garantir a legibilidade da informação;

Valorizar o uso refletido da técnica e da tecnologia em prol da preservação e conservação do meio ambiente e da manutenção da qualidade de vida;

Adotara uma atitude responsável em relação ao meio ambiente, reivindicando, quando possível, o direito de todos a uma vida plena num ambiente preservado e saudável;

Conhecer e valorizar os modos de vida de diferentes grupos sociais, como se relacionam e constituem o espaço e a paisagem no qual se encontram inseridos.

A escola de ser o local de diálogo, de aprender a conviver e vivenciar a própria cultura respeitando as diferentes formas de expressões culturais, é fundamental que o professor considere os conhecimentos que os alunos possuem para planejarem situações de ensino aprendizagem significativas e produtivas. A Geografia entra para o currículo escolar segundo os IPCN's como uma disciplina que oferece instrumentos que levam os alunos a compreenderem e intervirem na realidade social através da observação das sociedades em interação com o meio, a natureza, a manipulação do espaço, as particularidades dos lugares em que vivemos, diferenças e similaridades entre os diversos lugares, além de estimular o pensamento sobre a relação afetiva e identitária com o lugar.

Em última instância a Geografia moderna coloca em oposição dois recortes inerentes a disciplina, o local x o global, o entendimento e compreensão empírica do lugar onde habitamos e seu diálogo e posição no mundo, sua função na engrenagem histórica do fazer geográfico, Milton Santos sustentava que os lugares eram cada vez "globais", pelo lugar poderíamos ler o que o mundo oferecia naquele momento histórico.

### CAPITULO 3.

#### MILTON SANTOS E SEU PENSAMENTO.



A trajetória profícua do professor Milton Santos faz dele um personagem digno de teses e mais teses e pesquisas intermináveis, suas posturas políticas, sua contribuição para a Geografia e demais disciplinas ainda estão a serem mensuradas e exploradas. A influência no seu pensamento e obra trazida pelo geógrafo Josué de Castro e o fascínio pelos deslocamentos humanos pela terra (migrações) citados por ele em entrevista teriam sido os primeiros impulsos que o levaram para a disciplina, esse fazer geográfico que se coaduna com o movimento histórico, o homem nas suas idas e vindas modificando o espaço que é por excelência o reflexo da sociedade, outro pensador que o teria influenciado pela liberdade de pensamento seria Jean Paul Sartre provavelmente a partir do contato de Milton Santos com os grandes pensadores durante seu exílio na França na década de 60.

Nascido no dia 03 de Maio de 1926 em Brotas de Macaúbas, no interior da Bahia, Milton de Almeida dos Santos foi alfabetizado pelos pais professores primários, formou-se em Direito no ano de 1948, pela UFBA (Universidade Federal da Bahia), foi professor em Ilhéus e Salvador, trabalhou como redator chefe do jornal "Principal", durante o breve governo de Janio Quadros foi presidente da comissão de direito econômico da Bahia precursora da "Sudene", com a ditadura instaurada no Brasil partiu para o exílio na França onde voltara em 1958 com o título de doutorado em Geografia conferido pela Universidade de Estrasburgo. Nesse período que se estendeu de 1964 a 1977 lecionou em universidades na França, Estados Unidos, Canadá, Peru,

Venezuela, Tanzânia. Em 1994 depois de ter produzido mais de 40 livros e inúmeros artigos foi agraciado com o premio Vautrim Lud, considerado o Nobel da Geografia, recebeu o titulo de Doutor Honoris causa em diversos países, veio a falecer no 24 de junho de 2001 vitima de câncer, seu imenso legado está impresso nos livros, nos artigos, nos três filmes produzidos pelo cineasta Silvio Tendler, “ Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá de 2006 e Milton Santos, pensador do Brasil de 2001, além de artigos e entrevistas dadas ao longo de sua vasta carreira.

O pensamento “miltonsanteano” é transversal. Ele se assenta na Geografia, mas lança luz para além da disciplina, o dialogo com outras áreas humanas é intenso, ele lança mão da Filosofia, Sociologia, Antropologia social e História para dar embasamento seus pilares são os recortes geográficos a partir do espaço, ao tocar no espaço Milton Santos aproxima a paisagem dos aspectos sociais e econômicos, profundamente influenciado pelo marxismo ressalta a técnica e a produção como entidades espaciais através das quais se dão as relações de trabalho (Divisão Internacional do Trabalho) e seu caráter informacional, a Geografia urbana passou por uma síntese com suas ideias nas quais a formação da favela e o comportamento das cidades estão crivados de um caráter e uma lógica mercadológicas, ele construiu e posicionou a “Geografia critica” brasileira, a elevou para um patamar mundial .

Observamos que Milton Santos um legitimo representante da denominada “Geografia critica”, aquela que emergiu na década de 70, mas já vinha sendo preparada desde o fim da década de 60 no auge da “Guerra fria” em meio a ‘Guerra do Vietnã”, conhecida também como o movimento da “Renovação Geográfica”. Aqueles que em sua maioria participara desse movimento em sua maioria encontraram inspiração no marxismo, e não seria diferente com Milton Santos:

O fato é que no período que se estende de 1974 a 1979 lançou-se, com a publicação de A geografia e A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra, de Lacoste. Por uma geografia Nova de Milton Santos, e o Marxismo e a geografia, de Quaini, o que seria a bibliografia básica da renovação. Reuniu-se o essencial das questões e ideias. Formulou-se o roteiro da mudança. (Moreira.p.30).

Em Milton Santos o espaço que era tido como palco dos acontecimentos históricos cresce enquanto instância social e ganha caráter filosófico. Ele se impõe a tudo e a todos compreender isso é compreender o global e compreender a teoria do espaço, se o espaço é uma reprodução da sociedade é ele o lugar de repensar o fazer geográfico, como diria Milton Santos “*O palco de insubstituíveis paixões*”.

Dentro de sua obra destacamos três que foram usadas com mais intensidade nesse para esse trabalho com destaque para o último, e são os livros: “Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica de 1977, “A natureza do Espaço; Técnica e tempo”. Razão e Emoção” de 1996 e “Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal” de 2000. Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica é o livro em que Milton Santos faz uma completa releitura do discurso geográfico, coloca em xeque a crise do objeto, a crise epistemológica e reposiciona a Geografia escafarunchando a historicidade do mesmo, é um marco no movimento da renovação geográfica e no pensamento geográfico. É levantada a necessidade de uma definição mais precisa do objeto da Geografia, uma vez feito isso o autor apela para que o isolamento que a disciplina sofria até ali seja superado em nome de uma nova interdisciplinaridade, se o espaço é um fato, está dado o objeto, cabe aos estudiosos remontar a história do espaço, estudar sua mobilidade, sua estrutura social e econômica, a essa altura a proposta alcança seu ápice, pois a síntese do objeto se faz através da sociedade e do espaço como reflexos do fato social.

“A natureza do Espaço; Técnica e tempo”. Razão e Emoção” de 1996 talvez seja a obra mais completa e complexa do professor Milton Santos, ele lança uma “Ontologia do espaço” e aprofunda a função do espaço destacando que esse seria um conjunto indissociável do sistema de ações e sistemas de objetos, esses sistemas se alimentam numa dinâmica interminável pelo sistema de ações temos: a ação política, a ação social promovidas pelo capitalismo, mas antes das ações vem os objetos forjados pela técnica, assim são criados objetos tecnológicos cujo a função é acelerar processos produtivos, garantir maior precisão na comunicação, trazer maior qualidade de vida para a sociedade, a cada salto tecnológico promovido pelos objetos toda a cadeia de ações muda ou é profundamente alterada, se pensarmos no mundo que nos cerca com seus “celulares, GPS’s, computadores de alta precisão” ideia de como o



sistema de objetos influenciam os sistemas de ações, o que Milton Santos denuncia é que os objetos são ideológicos, eles vem carregados de intencionalidades e que essa relação com o advento da Globalização instalou um ambiente de manipulação capitalista perversa, quem detém a primazia tecnológica dos objetos são os países centrais e eles através de suas empresas influenciam estados, governos e com isso o espaço é modificado, apropriado através das ferramentas e dos estudos das escalas geográficas, ao entrar num território essas corporações trazem toda uma filosofia que altera as ações locais. Sai a “velha Geografia da observação da paisagem e entra a nova Geografia de intervenção da paisagem” que agora passa por mudanças cada vez mais rápidas, pois com a aceleração dos objetos toda a cadeia é acelerada, o espaço é híbrido, síntese provisória entre conteúdo social e as formas espaciais, pode-se até se falar em idade do lugar através da observação de prédios, ruas, transportes, etc, por exemplo: temos numa cidade como o Rio de Janeiro bairros e locais que embora sofrendo mudanças profundas conservam prédios que remontam a história de outras épocas da cidade o que Milton Santos denominou como “Rugosidades”, através delas estão impressas as dinâmicas espaciais. E o sistema de objetos está carregado de intencionalidade, se é produzido de forma horizontal, ou seja, do alto para baixo e por atores hegemônicos que dominam a tecnologia, mas por outro lado essas tecnologias acabam sendo expostas, qual é a solução proposta pelo autor? Que os atores não hegemônicos se apropriem desses conjuntos de técnicas e invertam essa lógica vertical por outra horizontal, solidária. Dessa forma o que estará em curso é uma “Nova Globalização” ou “Outra Globalização”.

“Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal” de 2000 o discurso além de ser um pouco mais simplificado ganha contornos mais combativos e a contestação fica mais evidente, Milton Santos ataca inclusive o discurso acadêmico que se mantém distante das demandas sociais, contribuindo assim para o fortalecimento da dominação exercida pela tirania da informação e do dinheiro. A outra globalização proposta é aquela em um leque maior da sociedade possa ter acesso aos serviços, a tecnologia e a informação produzidas pelos atores hegemônicos, ela passa pelo exercício do pensamento livre, da arte de pensar que leva ao pensamento crítico e esse detonaria a mudança pelos de baixo. Não se trata de um compendio antiglobalização que eu seria uma utopia, já que para o autor ela é irreversível e está em curso desde o momento que os objetos técnicos foram incorporados e alteraram o sistema de ações ganhando unicidade na “primeira Revolução Industrial” reforçada NE

segunda pela linha de montagem, e sim uma outra possibilidade de globalização, mas solidaria, inclusiva, comandada de forma mais democrática, essa representa um dos “três mundos” destacado pelo autor, o primeiro nos apresenta a globalização como fabula através da propaganda e da mídia com seus símbolos de consumo sendo oferecidos o tempo todo quando na verdade poucos podem ter acesso a eles, o segundo é a globalização tal como é, perversa, seletiva, horizontal, onde quem tira proveito são as classes abastadas e as grandes corporações, essas trabalham intensamente a territorialidade, as escalas geográficas, os aspectos sócio/culturais da população, afinam o discurso de exploração levando mensagens de melhoria de vida, geração de empregos e indicando esse caminho como motor único para o desenvolvimento.

Mais uma vez a relação local/global terá um papel central, pois são a partir deles que se dá a dicotomia e o espelhamento, no global a lógica e a ação são verticais se dá pela espoliação, pela adequação da política dos estados x política das empresas, no lugar a relação é horizontal, o lugar é receptáculo, ele é influenciado, mas pode responder segundo a sua natureza, sua lógica. Para Milton Santos a globalização alardeada como único caminho e estilo de vida não passava de um “globalitarismo” que fragmenta o espaço geográfico incentivando a competitividade pela competitividade sem a menor preocupação ética, aferindo lucros fabulosos aos verdadeiros “donos da globalização” e alijando os pobres dos resultados dos quais eles são tributários, essa relação é segundo Milton Santos uma “Mais- Valia” renovada momentânea, a partir do momento que os “de baixo” se apropriem das técnicas e das ferramentas informacionais como a internet, por exemplo, esse jogo poderia ser virado trazendo a tona uma “Outra Globalização”.

A globalização pela ótica do geógrafo Milton Santos estava fadada a acabar em pouco tempo, pois essa não tinha finalidade, perversa e desigual e propagadora de uma única via, deveria sofrer um desgaste e transformação rumo a uma “Nova Globalização”, assim três formas de globalização aparecem nos pressupostos de Milton Santos: A globalização como fabula, essa como nos é contada, onde só os benefícios são ressaltados e ele se coloca como a única forma de desenvolvimento possível, depois a globalização como perversidade, o que realmente ela é, excludente, seletiva, orquestrada por poderosos atores globais, grandes corporações e por países centrais e por último a globalização como possibilidade, ou uma “outra globalização” onde os atores locais numa espécie de revanche se apoderariam do aparato técnico e dos

instrumentos forjados pela tecnologia via globalização e através desses produzissem arte, conhecimento, política dentro de uma nova ótica e lógica a partir do lugar, das solidariedades e novas representações que não aquelas lançadas de cima para baixo pela via da perversidade.

Ao tratar os fenômenos espaciais, principalmente, os que ocorreram no período que ele denominou de última globalização, caracterizada por uma sociedade que se apoia na revolução “Técnica Científica e Informacional”, onde o informacional foi último estágio forjado pela informática e o advento das grandes redes de comunicação. Milton Santos percebe e irá pesquisar um movimento que está ocorrendo em comunidades indígenas pela América latina, povos que haviam passado por processos de descolonização recentes, assim como ventos novos soprando nas periferias das grandes cidades através das artes de rua, intervindo nas paisagens urbanas.

Ele irá destacar que esses de movimentos apresentam clara resistência ao processo de globalização, embora aproveitem os elementos advindos da própria, como as redes, a comunicação, e a linguagem rápida. Ao traçar o recorte geográfico que poderia dar conta desse fenômeno Milton Santos propõe que o “lugar” como chave para a análise desses acontecimentos, ao fazer isso ele se afasta de categorias geográficas maiores, como território, Nação, e demonstra que o lugar é um microcosmo dos acontecimentos globais, mantendo um diálogo permanente com a esfera global.

*“A partir dessas duas ordens, se constituem paralelamente, uma razão global e uma razão local que em cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam, quanto se contrariam. É nesse sentido que o lugar defronta o mundo, mas também, o confronta, graças a sua própria ordem”.*(Santos, p.332)

O lugar é o espaço do vivido, do dia a dia, da intimidade, da produção de ideais, da solidariedade, da vizinhança, da construção mais imediata da identidade, mas também dos conflitos, do contraditório. Não só Milton Santos como outros teóricos partirão do “lugar” para respaldarem suas teorias, pois entendem que através dele podemos fazer uma leitura do mundo, ele sofre o processo de mundialização, mas responde a este segundo sua própria racionalidade. O material recebido é reprocessado de forma orgânica pelo lugar.



**CAPITULO 3 .2.**  
**PORQUE DA ESCOLHA DOS RACIONAIS A LUZ DAS IDEIAS DE MILTON SANTOS.**



A trajetória dos Racionais está ligada a difusão do Hip Hop no Brasil, eles estão entre os percussores do estilo musical em São Paulo e no país como um todo, as origens do hip hop são estadunidenses e estão associadas aos bairros periféricos de Nova York do Bronx e Brooklin onde há a predominância de moradores de origem latina e africana, onde a violência, a desordem social, drogas, racismo, carências educacionais e estruturais estavam presentes, a formação de gangues aconteceu de forma natural dado ao caldeirão de aspectos negativos e a rua fazer parte do lazer, as gangues eram essencialmente territorialistas, limites eram estabelecidos. Havia ainda um fluxo migratório intenso vindo Caribe, principalmente da Jamaica, teriam sido os jamaicanos os primeiros a introduzir em solo americano a ideia de um mestre de cerimônias que conduzia as festas falando ao microfone denominado como “sound system”.

Enquanto acontecia a febre nas pistas das discotecas, nas ruas do Bronx, o guetonegro/caribenho localizado na parte norte da cidade de Nova York, fora da ilha de Manhattan, já estava sendo arquitetada a próxima reação da —autenticidade do black. No final dos anos 60, um disk-jockey chamado Kool Herc trouxe da Jamaica para o Bronx a técnica dos famosos —sound systems de Kingston. (VIANNA, 1988, p.20-1)

A figura que ficou conhecida como “DJ”(Disk Jokey) aquele que “pilota” as picapes, seleciona as músicas e os ritmos a serem executados se somou ao mestre de cerimônias ou controlador de microfone e a eles o dançarino de “Break” estilo criado a partir dos movimentos das lutas de rua e por último o grafite expressão pictórica da arte de rua e agora elemento essencial do Hip Hop. O próprio termo Hip Hop é curioso e controverso, teria sido cunhado pelo Dj Afrika Bambaata inspirado na forma de dançar de novayorkinos da periferia onde Hip significaria(saltar) e Hop mexer os quadris, para outros o termo Hip representaria “um acontecimento momentâneo”, o agora e Hop o movimento de dança. Ao se organizar o movimento solidifica com o break como estilo de dança, o grafite como expressão visual, o Dj como montador de discos e batidas e o mestre de cerimônias com as iniciais “MC” (*Master of Ceremony*) ou rapper interprete do estilo de cantar “falado” conhecido como Rap (*rhythm and poetry*). Do final da década de 60 e ao longo da década de 70 o Hip Hop foi sendo forjado pelos americanos, ganhando os formatos que conhecemos, dando origem a varias variações do estilo e penetrando na poderosa indústria fonográfica americana que ao longo da década de 80 veio a influenciar com essa música os jovens oriundos das periferias em nível mundial, período em que o Brasil passou também a receber o Hip Hop que desembarcara aqui seguindo a mesma linha que outros movimentos afro americano já tinham feito antes como o “Soul”, etc.

De forma dispersa o movimento Hip Hop começa a ser trabalhado no Brasil, o pesquisador Hermano Vianna(1988) debruçando sobre o “Funk Carioca” dá algumas pistas sobre o movimento, Os primeiros bailes de *black music* ocorreram no início dos anos setenta, no extinto Astória, tradicional clube que ficava no bairro do Catumbi, Rio

de Janeiro. Posteriormente, os eventos migraram para a Zona Norte da cidade (bairros de Rocha Miranda, Colégio e Guadalupe) e para a Zona Oeste (bairros de Realengo e Bangu), regiões que tinham clubes com capacidade para até 10 mil pessoas. Na Zona Sul, o clube Carioca, no Jardim Botânico, possibilitou que os moradores daquela região também curtissem *black music* (VIANNA, 1988). Mas é em São Paulo que o Hip Hop ganhou força e de onde vieram os maiores talentos até aqui do estilo, entre esses os “Racionais” que elevaram o tom do discurso com o Cd “*Sobrevivendo no Inferno*” de 1997, com ele também o grupo ganha a fama de pertencer ao “Gangstar Hap” variação mais ácida do estilo, onde a violência, a relação com a polícia, a política e as mulheres são tratadas com crueldade e hostilidade extremas. O movimento Hip Hop brasileiro que é a base do trabalho do grupo paulistano Racionais mc’s, tem suas origens na Jamaica, vindo a desenvolver nos EUA ainda na década de 80 sobre três elementos básicos da expressão Hip Hop: o “DJ”, que é a sigla para Disk Jockey, “montador de disco”, o “MC” que pode ser entendido como controlador de microfone ou mestre de cerimônia e o terceiro elemento desenvolvido a partir das lutas entre gangues, principalmente no bairro do Bronx em Nova York foi o “Break”, estilo de dança que simula os movimentos das lutas de rua. O grafite também foi adicionado ao movimento enquanto expressão legítima de uma arte típica dos movimentos articulados na rua.

O universo abordado por Mano Brown e os Racionais está intimamente ligado ao Capão Redondo, comunidade carente originária desses artistas e suas circunvizinhanças, aos bairros das periferias paulistanas, suas dicotomias em relação à “selva de pedra”, a esfera de extrema violência vivida por seus habitantes, a loucura latente produzida pelo caos social, a amizade, traição, racismo, bandidos, polícia, drogados, play boys, e a perversidade do sistema e da lógica capitalista pelo viés da globalização.



Embora o grupo coloque que todos os integrantes exercem posições de liderança a figura de Mano Brown é a face mais evidente do grupo, sempre tem as maiores falas do grupo, é o mais requisitado e o mais conhecido. Através da sua voz, das letras e das vozes do seus companheiros Ice Blue e Edy Rock o que se propõe é um retrato da periferia, um mergulho no universo da comunidade do “Capão Redondo” e suas circunvizinhanças e aos bairros periféricos de São Paulo e porque não dizer do Brasil. A esfera de extrema violência vivida por seus habitantes, a loucura produzida pelo caos social, o racismo, as amizades, traições, play boys, drogados, polícia e a perversidade do sistema e da lógica capitalista pelo viés da globalização entram na pauta do grupo. Alguns pesquisadores defendem que os Racionais passaram por três fases bem marcantes durante sua carreira, fases que marcam mudanças na estrutura discursiva do grupo. A primeira está impressa no primeiro Cd do grupo “*Holocausto Urbano*” de forma contundente, ali as letras não são tão elaboradas, a linguagem ainda estava sendo aperfeiçoada, os inimigos trazidos pelo grupo são difusos representado pelo “sistema” e continua no segundo trabalho “*Escolha seu caminho*” de 1992, o desfile de personagens e os temas que estarão presentes nos trabalhos posteriores, porém de forma mais organizada já se fazem presentes, “Play- boys, policiais corruptos, mulheres vulgares, drogados sem rumo, racistas, criminosos, a elite branca, os políticos que detonam o país, a religião em convivência com a pistola” são exemplos do amplo leque de assuntos abordados pelo grupo. No Cd “*Raio x do Brasil*” ganha um



*ethos* definido que é o “Preto tipo A” aquele negro que tem orgulho de suas origens, que defende seus irmãos de cor, a densidade discursiva e narrativa aumentam, o inimigo aparece com maior clareza representado pelas elites que vivem da exploração da pobreza apoiados pelo aparato elitista e racista, a polícia é mais uma peça nessa engrenagem uma extensão das mazelas, da discriminação e desigualdade social, por isso corrupta e discriminadora, outro inimigo e esse interno é a “droga” que corrói “os mano” e por trás de tudo isso a Globalização como fomentadora dos “fetiches de consumo”, nesse ponto a contradição também fica mais clara, pois nossos Rappers sonham com uma vida melhor que passa pelo consumo dos mesmos símbolos do capitalismo que vitimiza os moradores das comunidades.

No Cd “*Nada como dia após o outro*” se instala a terceira fase do grupo que agora já faz parte do “Mainstream”, embora mantendo uma distância da mídia oficial o Hip Hop já é uma realidade no Brasil e os Racionais é o grupo que logrou maior êxito no estilo, rompeu barreiras, chegou a classe média, nas universidades, venderam milhares de cópias de Cds, seus shows estão sempre cheios, criaram uma legião de fãs aficionados e já começa a aparecer vários artistas de uma nova geração diretamente influenciados por eles, uma virada do discurso seria inevitável. A música “*Negro Drama*” é uma síntese dentro do álbum desse momento, agora os play boys imitam os maneirismos dos negros do Hip Hop.

Problema com escola  
 Eu tenho mil, mil fitas  
 Inacreditável, mas seu filho me imita  
 No meio de vocês  
 Ele é o mais esperto  
 Ginga e fala gíria  
 Gíria não, dialeto. (Negro Drama).

Independente dessa tendência natural que é a depuração da linguagem artística, um melhor acabamento trazido pela maior vivência musical, os Racionais matam uma coesão e coerência discursiva nos seus trabalhos, suas vozes se afinam com a dos jovens das periferias de todo o país, suas ideias são compartilhadas e admiradas pelos atores que estão espalhados e alijados do sistema excludente que opera o âmbito da

sociedade, o “lugar” é recorrente nesse discurso é dele que vem o material, a matéria prima das letras do grupo.

Sua proposta que a primeira vista se identificava com o “Gangstar Hap”, uma das variações do movimento que utiliza a violência das periferias, o machismo e a bandidagem como mote para a produção, foi além disso e se constitui como uma das vozes mais proeminentes na denuncia social, dos problemas enfrentados pelos moradores e jovens das “quebradas paulistanas” e porque não dizer do Brasil.

A linguagem artística, visceral e orgânica dos Racionais ao evocar o “lugar” de forma constante nas suas canções encontra um ponto de interseção com a linguagem acadêmica e polida do geógrafo Milton Santos. As músicas refletem a vida, a intimidade, as circunvizinhanças do conjunto de favelas do Capão Redondo, os códigos, a linguagem, que eles mesmos insinuam ser um dialeto.

A evocação empírica do lugar evidenciada nas obras dos Racionais encontram paralelos nas afirmações e estudos de vários geógrafos, entre eles o geógrafo George O. Carney (2007), que ao associar a música ao lugar, diz que as experiências com a música, muitas vezes, estão ligadas aos bairros, escolas, igrejas.

Solidariedades, violência, cotidiano, contradição, afirmação de identidades, resistência, formam o escopo da obra desenvolvida pelo “Hip Hop” dos Racionais mc’s, onde o recorte “lugar” tal qual entendido pelo geógrafo George O. Carney é condicionante para a arte produzida: “As características únicas de lugares específicos podem oferecer as pré-condições necessárias a novas ideias musicais, O contexto histórico, ambiental e social de um lugar, muitas vezes, fornece cenário e inspiração para determinado grupo ou individuo criar música”.

O que é teoria em Milton Santos se transforma em ação nos Racionais, o dialogo, a assimilação e a negação da globalização são levadas até as últimas consequências. Os símbolos impostos pela globalização se encontram lá, o carro, o vídeo game, o tênis Nike, Red Bull, mas a critica também é constante pelo fato de que nem todos têm acesso a esses bens, a essa festa, o que geraria violência, reações de revolta contra o sistema, fetiche aos produtos e também a identificação do racismo como instrumento não só opressor, mas estratégico no processo histórico do Brasil praticado desde tempos ancestrais no Brasil, a sigla “*Preto Tipo A*”, criada pelo grupo funciona como uma resposta a segregação, como afirmação da negritude enquanto nobreza, e da tomada de consciência de um processo identitário.

O trabalho dos Racionais traz a tona as vozes do negro pobre das periferias paulistanas, o discurso direto e voraz atingiu as periferias do Brasil, mesmo sem uma grande gravadora ou apoio da grande mídia, mas por opção do grupo política do grupo do que por necessidade sua músicas influenciaram, influenciam e fazem parte do imaginário dos jovens brasileiros da favelas e vindo também a penetrar nos círculos universitários representados por um grupo da sociedade mais contemplado pelo estado, as vozes que emergem da periferia para Milton Santos são as que realizaram a nova globalização, aquela em que os oprimidos se colocarão, contarão a história a partir de suas experiências, irão operar uma revolução ancorada na solidariedade. A discografia do grupo é permeada pela crítica contundente, em tom de desabafo sempre desafiando o sistema, chamando a responsabilidade dos “senhores de engenho”, denunciando os desmandos da polícia opressiva, colocando na berlinda os negros que apelam para o crime, as drogas, as saídas fáceis. Podemos dividir a carreira do grupo em duas fases a partir da discografia, a primeira engloba os álbuns, *Holocausto Urbano*, *Escolha Seu Caminho*, *Raio X do Brasil* e *Racionais Mc's*, onde o discurso é mais disperso, o grupo parece estar a busca de um estilo próprio, o inimigo é o sistema, representado de forma difusa, pouco coesa, estão ali os elementos que irão explodir em poesia a partir do CD *Sobrevivendo no Inferno* e seguirão nos álbuns, *Nada como um dia após o outro*, *1000 Trutas e 1000 Tretas*, *Tá na chuva* e *Cores e valores*. Com um discurso mais elaborado a especificação dos atores antagônicos a periferia acontece de forma mais clara, a droga se constitui como um inimigo interno, o racismo que reside em todo um aparato social organizado e elitista emerge como parasita da pobreza, por viver da exploração dela, o comércio ilegal de entorpecentes que enriquece muitos, a afirmação da identidade negra frente as questões raciais latentes, a partir desse discurso mais coeso, incisivo o grupo passou a chamar a atenção de intelectuais, e se tornaram os principais representantes do estilo no Brasil, abaixo a discografia citada.



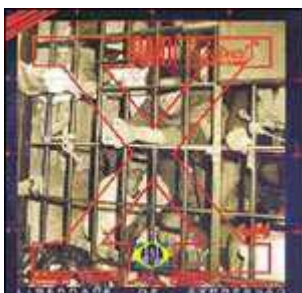
(1990)

01. Pânico na Zona Sul
02. Beco Sem Saída
03. Hey Boy
04. Mulheres Vulgares
05. Racistas Otários
06. Tempos Difíceis



(1992)

01. Voz Ativa
02. Voz Ativa (Baile Mix)
03. Voz Ativa (Capela Mix)
04. Negro Limitado



(1993)

01. Introdução
02. Fim de Semana no Parque
03. Parte II
04. Mano na Porta do Bar
05. Homem na Estrada
06. Júri Racional
07. Fio da Navalha
08. Salve



(1994)

1. Fim de Semana no Parque
2. Parte II
3. Mano na Porta do Bar
4. Homem na Estrada
5. Júri Racional
6. Fio da Navalha
7. Voz Ativa
8. Negro Limitado
9. Pânico na Zona Sul
10. Hey Boy
11. Mulheres Vulgares
12. Racistas Otários
13. Tempos Difíceis

*(Nada Como um dia após o outro, 2002).*

## Disco 1

01. Sou + Você
02. Vivão e Vivendo
03. Vida Loka (Intro)
04. Vida Loka, Pt. 1
05. Negro Drama
06. A Vítima
07. Na Fé Firmão
08. 12 de Outubro
09. Eu Sou 157
10. A Vida é Desafio
11. 1 Por Amor, 2 Por

- Dinheiro  
 Disco 2  
 01. De Volta à Cena  
 02. Otus 500  
 03. Crime Vai e Vem  
 04. Jesus Chorou  
 05. Fone (Intro)  
 06. Estilo Cachorro  
 07. Vida Loka, Pt. 2  
 08. Expresso da Meia-  
 Noite  
 09. Trutas e Quebradas  
 10. Da Ponte Pra Cá



(2006).

01. Fórmula Mágica da  
 Paz  
 02. Negro Drama  
 03. Tô Ouvindo Alguém  
 Me Chamar  
 04. Crime Vai e Vem  
 05. Da Ponte Pra Cá  
 06. Expresso da Meia-  
 Noite  
 07. Eu Sou 157  
 08. Diário de um Detento  
 09. A Vida é Desafio  
 10. 1 Por Amor, 2 Por  
 Dinheiro  
 11. Vida Loka, Pt. 1  
 12. A Vítima  
 13. Jesus Chorou  
 14. Vida Loka, Pt. 2



(2009).

01. Ta na Chuva
02. Mulher Elétrica
03. Canto de Oração e Oya
04. Artigo 157 (Nova Versão)
05. Quem procura acha
06. O inimigo é de graça
07. O Jogo é Hoje
08. Mãos
09. Mãos Remix



(Cores e Valores, 2011).

01. Cores e Valores
02. Estilo Ladrão
03. Sou PMZ... sou Racionais
04. O Jogo é Hoje
05. Quem procura acha
06. O inimigo é de graça
07. Mente de Vilão

## CAPITULO 4.

### Milton Santos x Racionais e o “lugar”.

O “lugar” é uma forte referencia dos artistas é a partir dele que nos tornamos o que somos, é através dele que são forjadas as identidades, o discursos, é dele que observamos o mundo o defrontamos e assimilamos o que nos é proposto como estilo de vida partir dessas referencias, dominar os códigos do lugar e sua extensão é parte desse aprendizado que se dá de forma natural, a produção do grupo Racionais é ancorada no dia a dia da vida no gueto, da confrontação do morador da “favela” com a realidade dos centros urbanos, do domínio desse espaço de vivência, dos códigos, linguagens ali adotados, a poesia explode em imagens, nomes, localizações geográficas, na música “*Formula Mágica da Paz*” do Cd “*Nada como um dia o outro*” como em tantas outras esse conhecimento emerge através da citação das “quebradas” em que os integrantes vivem e se relacionam: “*Cada lugar, um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão e eu sempre respeitei, qualquer jurisdição, qualquer área, Jardim Santo, Eduardo, Grajaú, Missionária, Funchal, Pedreira e tal*”. (Formula Mágica da Paz).

No palco de insubstituíveis paixões o recorte “lugar” delimita até aonde vai a influencia global e o tipo de relação que se estabelece, para Milton Santos o global e o local dialogam, porem o lugar passa pelo estranhamento e ao mesmo se confunde com a esfera global, uma relação conflituosa que traz para o lugar influências a serem negociadas.

“A localidade se opõe a globalidade, mas também se confunde com ela. O mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto se, pela sua essência, ele pode esconder-se, não pode pela sua existência, que se dá nos lugares, (...), O lugar é o quadro de referência pragmática ao mundo, do qual lhe vem solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro de insubstituível das paixões humanas, responsáveis através de ação comunicativa, pelas diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”. (Santos, P.322)



Essa relação dialógica levantada por Milton Santos transborda nas poesias de dos Racionais:

“ Senhor de engenho, eu sei, bem quem você é sozinho, sozinho cê disse que era bom, E as favela ouviu, lá Também tem Whisky, Red Bull Tênis Nike e fuzil, Admito, Seus carro é bonito. É, eu não sei fazê Internet, videocassete Os carro loco. Atrasado, Eu tô um pouco sim. Tô, eu acho, Seu jogo é sujo E eu não me encaixo, Eu sô problema de montão, De carnaval a carnaval, Eu vim da selva, Sou leão, Sou demais pro seu quintal”.(DVD 1000 trutas, 1000 tretas).

A relação com o lugar na obra dos Racionais vem traduzida em orgulho, idealizada em nobreza, reduto de gente honesta, trabalhadora, a favela imprime uma identidade, ela estará sempre dentro daquele que de lá veio, também aparece como um local de gente alucinada, reduto de violência policial, desestrutura familiar, uso indiscriminado de drogas, fabrica de bandidos.

“Ou da família real de negro como eu sou  
Um príncipe guerreiro que defende o gol  
E eu não mudo mas eu não me iludo  
Os mano cu-de-burro têm, eu sei de tudo  
Em troca de dinheiro e um carro bom  
Tem mano que rebola e usa até batom  
Varios patricios falam merda pra todo mundo rir  
Ah ah, pra ver Branquinho aplaudir  
É, na sua área tem fulano até pior  
Cada um, cada um: você se sente só.” (Capitulo 4 Versículo 3)

A afirmação da negritude se dá pelo reconhecimento de que o lugar é reduto dos descendentes de escravos, população que ficou a mercê do sistema, abandonada pelos sucessivos governos, existem os negros “vacilões” que não conseguem se projetarem para uma situação melhor, existe o negro que está em busca de algo melhor, mas tem aqueles que se atiram na vida do crime, são os efeitos colaterais do sistema. Manter uma atitude altiva, procurar ser um “perto tipo A” e não ter a vergonha das suas origens, da sua identidade faz parte do discurso dos Racionais. O grupo enfatiza que os “senhores de engenho” se modernizaram, percebem o racismo como algo histórico no Brasil, resgatam referencias levantadas pelo movimento negro, pelas

teorias sobre racismo estrutural, o discurso é verborrágico e denunciativo e empírico, baseado em leituras, e principalmente na vida cotidiana, nas experiências

"60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial  
 A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras.  
 Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros.  
 A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo"  
 Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente...  
 Você vai terminar tipo o outro mano lá  
 Que era um preto tipo a  
 E nem entrava numa  
 Mó estilo  
 De calça Calvin Klein  
 E tênis puma  
 Um jeito humilde de ser  
 No trampo e no rolê  
 Curtia um funk  
 Jogava uma bola  
 Buscava a preta dele no portão da escola  
 Exemplo pra nós, mó moral, mó ibope  
 Mas começou colar com os branquinhos do shopping  
 "Aí já era" (Capítulo 4 Versículo3)

A música "Negro Drama" talvez seja a que melhor traduz a situação do negro, as questões raciais sobre a ótica do grupo, relatos pessoais e críticos se misturam na letra feita por eles:

Negro drama,  
 Entre o sucesso e a lama,  
 Dinheiro, problemas,  
 Inveja, luxo, fama.  
 Negro drama,  
 Cabelo crespo,  
 E a pele escura,  
 A ferida, a chaga,  
 A procura da cura.  
 Negro drama,  
 Tenta ver  
 E não vê nada,  
 A não ser uma estrela,  
 Longe meio ofuscada.  
 Sente o drama,  
 O preço, a cobrança,  
 No amor, no ódio,  
 A insana vingança.  
 Negro drama,  
 Eu sei quem trama,  
 E quem tá comigo,

O trauma que eu carrego,  
Pra não ser mais um preto fodido.  
O drama da cadeia e favela,  
Túmulos, sangue,  
Sirene, choros e vela.  
Passageiro do Brasil,  
São Paulo,  
Agonia que sobrevivem,  
Em meia as zorras e covardias,  
Periferias, vielas e cortiços,  
Você deve tá pensando,  
O que você tem a ver com isso,  
Desde o início,  
Por ouro e prata,  
Olha quem morre,  
Então veja você quem mata,  
Recebe o mérito, a farda,  
Que pratica o mal,  
Me ver,  
Pobre, preso ou morto,  
Já é cultural.  
Histórias, registros,  
Escritos,  
Não é conto,  
Nem fábula,  
Lenda ou mito,  
Não foi sempre dito,  
Que preto não tem vez,  
Então olha o castelo e não,  
Foi você quem fez cuzão,  
Eu sou irmão,  
Dos meus trutas de batalha,  
Eu era a carne,  
Agora sou a própria navalha,  
Tim..tim..  
Um brinde pra mim,  
Sou exemplo, de vitórias,  
Trajetos e glórias. O dinheiro tira um homem da  
miséria,  
Mas não pode arrancar,  
De dentro dele,  
A favela,  
São poucos,  
Que entram em campo pra vencer,  
A alma guarda,  
O que a mente tenta esquecer,  
Olho pra trás,  
Vejo a estrada que eu trilhei,  
Mó cota  
Quem teve lado a lado,  
E quem só fico na bota,  
Entre as frases,  
Fases e várias etapas,  
Do quem é quem,  
Dos mano e das mina fraca,  
Hum..  
Negro drama de estilo,  
Pra ser,  
E se for,  
Tem que ser,  
Se temer é milho.  
Entre o gatilho e a tempestade,

Sempre a provar,  
 Que sou homem e não covarde.  
 Que Deus me guarde,  
 Pois eu sei,  
 Que ele não é neutro,  
 Vigia os rico,  
 Mas ama os que vem do gueto,  
 Eu visto preto,  
 Por dentro e por fora,  
 Guerreiro,  
 Poeta entre o tempo e a memória.  
 Hora,  
 Nessa história,  
 Vejo o dólar,  
 E vários quilates,  
 Falo pro mano,  
 Que não morra, e também não mate,  
 O tic tac,  
 Não espera veja o ponteiro,  
 Essa estrada é venenosa,  
 E cheia de morteiro,  
 Pesadelo,  
 Hum,  
 É um elogio,  
 Pra quem vive na guerra,  
 A paz nunca existiu,  
 Num clima quente,  
 A minha gente sua frio,  
 Vi um pretinho,  
 Seu caderno era um fuzil.  
 Um fuzil,  
 Negro drama.  
 Crime, futebol, música, caraio,  
 Eu também não consegui fugi disso aí.  
 Eu so mais um.  
 Forrest gump é mato,  
 Eu prefiro conta uma história real( Negro Drama).

Os temas escolhidos pelo grupo são profundamente ligados as causas sociais, expõe a face mais obscura da sociedade, a desigualdade em varias dimensões. Ao fazer relatos locais que os colocam como cronistas daquela realidade, o que se descortina no lugar vai de encontro com as situações promovidas pelo capitalismo, e em última análise pela globalização que se instala a partir da década de 90 de forma mais efetiva, ela traz símbolos e artefatos de consumo que entram no imaginário não só dos jovens dos países centrais, mas também nos jovens das periferias mundo afora, é a globalização tal como nos fazem ver, para Milton Santos a observação de que a ordem global e a ordem local fazem parte de racionalidades diferentes que interagem entre si pode fornecer dados e pistas valiosas, a ordem local é coesa, a global é dispersa, a local é solidaria, a global é organizacional, informacional, inorgânica, sua lógica é tentar impor a todos os lugares sua racionalidade, cabe ao lugar responder

segundo sua própria lógica, papel que as periferias tem desempenhado de forma contínua, uma das faces mais visíveis se dá em torno da arte, principalmente da música, a esfera global é deslocada do cotidiano, ao impor exige do lugar a desterritorialização, essas vias observadas por Milton Santos irão aparecer de forma difusa no trabalho dos Racionais, cercadas de vida e poesia:

A ordem global funda as escalas superiores ou externas a escala do cotidiano. Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade. A ordem global é “desterritorializada”, no sentido de que separa o centro da ação e a sede da ação. Seu espaço, móvel e inconstante, é formado de pontos, cuja existência funcional é dependente de fatores externos. A ordem local, que “reterritorializa”, é a do espaço banal, espaço irreduzível porque reúne numa mesma lógica interna todos os seus elementos; homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas e formas geográficas. O cotidiano imediato, localmente vivido, traço de união de todos esses dados, é a garantia da comunicação. Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente. (Santos.pág 339).

A confluência de informações encontra no lugar um campo fértil para a elaboração das identidades, ideias e estilos de vida, o global pode representar muitas vezes através da mídia o modelo ideal de consumo, dele vem os objetos de desejos que reousam no lugar, os Racionais recorrentemente tratam sobre essa particularidade nas letras.

Senhor de engenho,  
 Eu sei,  
 Bem quem você é,  
 Sozinho, cê num guenta,  
 Sozinho,  
 Cê num entra a pé,  
 Cê disse que era bom,  
 E a favela ouviu, lá  
 Também tem  
 Whiski, red bull,  
 Tênis nike e  
 Fuzil,  
 Admito, Seus carro é bonito,  
 É,  
 Eu não sei fazê,  
 Internet, video-cassete,  
 Os carro loco,  
 Atrasado,

Eu tô um pouco sim,  
 Tô,  
 Eu acho,  
 Só que tem que,  
 Seu jogo é sujo,  
 E eu não me encaixo..(Negro Drama).

Para Milton Santos o lugar representa em última análise é o recorte espacial geográfico de onde poderá acontecer a mudança rumo a uma “Nova globalização”, para ele a cidadania se faz efetivamente no lugar, já que ser cidadão do mundo seria uma utopia;

Trata-se, em ambas as etapas, de uma construção de baixo para cima cujo o ponto central é a existência de individualidades fortes e das garantias jurídicas correspondentes, a base dessa construção será o lugar, considerado como espaço de exercício da existência plena. Estamos, porém, muito longe da realização desse ideal. O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, porque de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e de outro lado, neles se produz uma contraordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados. (Santos .pág 116).

A explosão de criatividade vinda do gueto, das periferias representam essas vozes de forma embrionária, todo o movimento Hip Hop nasce da necessidade dos excluídos, dos jovens das periferias, os Racionais são percussores da linguagem no Brasil, representam a nova face da cultura popular, para Milton Santos um grande passo rumo a “Uma outra globalização”.

Já os símbolos “de baixo”, produtos da cultura popular, são portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade. É a partir de premissas como essas que se pode pensar uma reemergência das massas. Para isso devem contribuir, a partir das migrações políticas ou econômicas, a ampliação da vocação atual para a mistura intercontinental e internacional de povos, raças, religiões, gostos, assim como a tendência crescente a aglomeração da população em alguns lugares, essa urbaniza concentrada já revelada nos últimos vinte anos. (Santos, pág 145).

## CONCLUSÃO.

O grupo Racionais Mc's logrou um lugar no mainstream brasileiro e deixou um legado que vem sendo seguido pelas novas gerações de rappers, o cantor "Criolo", M Cida são exemplos de que a semente plantada pelo grupo vai germinando pelas periferias do Brasil, ainda em atividade e se reinventando a cada trabalho sua obra é uma inspiração para vários pesquisadores de diferentes disciplinas, aqui e ali surgem propostas de trabalhos que analisam vários aspectos desses outrora jovens da periferia que operaram uma revolução na música brasileira, o gueto ganhou novas vozes, novas interpretações da realidade, o filtro crítico e "cru" causou e causa identificação imediata dos seus pares, mas também expôs para a sociedade aquela realidade que muitas vezes ela insiste em não ver, o trabalho do grupo chamou atenção dos "de fora", fenômeno rapidamente observado por eles e transformado em versos:

Inacreditável, mas seu filho me imita,  
No meio de vocês,  
Ele é o mais esperto,  
Ginga e fala gíria,  
Gíria não dialeto,

Esse não é mais seu,  
Hó,  
Subiu,  
Entrei pelo seu rádio,  
Tomei, cê nem viu,  
Nós é isso, ou aquilo,

O que,  
Cê não dizia,  
Seu filho quer ser preto,  
Rá,  
Que ironia. (Negro Drama).

O empoderamento daqueles que fazem arte, que realizam trabalhos comunitários nas suas áreas, que através da poesia, música, dança, artes visuais, entre outras, é um fenômeno global, onde o Hip Hop se colocou como um dos principais movimentos das classes populares, a identificação com a opressão, com a subalternidade, com a exclusão que se tornou mais aguda com a globalização tem sido o combustível dos atores que estão a frente desses movimentos artísticos, esse empoderamento é o empoderamento do lugar, nasce dos conflitos, da vida difícil, dos antagonismos, mas também da solidariedade, da amizade, das lutas travadas em prol de uma sociedade

melhor, dos trabalhos dos intelectuais, do movimento negro, das sementes plantadas pelos ancestrais, um caldeirão complexo de histórias, memórias, injustiças sociais, vitórias, banditismo, honestidade, trabalho são depositados no lugar onde a vida pulsa e a cada momento apresenta novas vias, soluções, questionamentos e infla novas linguagens. Trazer o Racionais para o campo acadêmico é um sonho realizado, o início de uma caminhada em busca da minha própria identidade e dos negros brasileiros.

Milton Santos é sem dúvidas a maior personalidade brasileira da Geografia e nosso maior representante internacional tanto da Geografia quanto nas ciências sociais, sua biografia fala por si só, sua obra ainda está por ser escarafunchada, artigos, resenhas, livros, reflexões, entrevistas, dois documentários, e diversos trabalhos ligados ao seu pensamento foram e estão sendo produzidos nas mais variadas disciplinas. Seu posicionamento enquanto negro, intelectual dentro de um país em que isso é algo raro sempre esteve explícito nas suas colocações, nas suas obras que tratam mais diretamente a questão do cidadão onde aos negros enquanto classe oprimida lhes são negadas as cidadanias, o que denominou de “cidadanias multiladas”, a amplitude da sua produção é imensa, trazer para a Geografia o pensamento crítico e posiciona-la foi sua tarefa enquanto esteve ativo, ao realizar seu trabalho o diálogo com diversas áreas se tornou inevitável, a influência de suas ideias foram irresistíveis no momento em que a globalização se tornou um mantra ocidental.

Tive contato mais aproximado com sua obra na graduação, o projeto nasceu ali, sua leitura do espaço oferece um leque de opções em cada recorte, seja Estado, Nação, Território, o pensamento agudo e crítico estará lá, mas foi no lugar que o trabalho que vínhamos pensando ganhou força, pensado a principio como um projeto que contemplaria a sala de aula, desdobramento que pretendemos dar mais tarde, a partir desse tema que foi desenvolvido aqui transforma-lo numa experiência a ser levada ao ensino médio através de aulas expositivas, palestras, vivências com música, interpretação das letras e rodas de conversas.

Trazer o diálogo entre Milton Santos e Racionais em torno do lugar foi uma tentativa de trazer um abordagem da identidade, do racismo e das possibilidades geográficas através do trabalho musical x trabalho acadêmico, unir uma linguagem mais lúdica a uma linguagem acadêmica, nem por isso menos livre. Separados por universos diferentes, tempos, linguagens, objetivos, propusemos a conversa franca de atores com sensibilidade social aguda, com propostas fortes nas suas áreas, ícones de



mundos diferentes, tão longe e tão perto. O amalgama, a intersecção, o ponto de ligação foi o lugar, o palco de insubstituíveis paixões, o responsável por Milton Santos ter se debruçado e produzido páginas e mais páginas em busca de respostas, o ator onipresente nas letras musicais dos Racionais, e o recorte que norteou esse trabalho onde buscamos celebrar a música, fazer uma humilde homenagem aos Racionais e ao mestre Milton Santos, coloca-los em diálogo com Stuart Hall, Manuel Castells, entre outros e estabelecer uma possível conexão de ideias entre eles.

### Referências Bibliográficas.

CASTELLS, Manuel, tradução Klauss Brandini Gerhardt, O poder da Identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura. (Sindicato Nacional dos editores de livro, RJ, Brasil) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, Teixeira. O que é Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1981, 5.ed. Coleção Primeiro Passos.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Josué de Castro: vida e obra/Bernardo Mançano Fernandes, Carlos Walter Porto Gonçalves- 2 ed.vv. e ampl. – São Paulo: Ed, Expressão Popular.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa Popular; Ed. Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES. Antonio Sérgio Alfredo. A questão racial na política Brasileira (os últimos quinze anos). **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 121-142, novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. Preconceito de Cor e Racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, vol. 47, nº1, São Paulo, 2004. Disponível em <[www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012004000100001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012004000100001&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 ago. 2009.

\_\_\_\_\_. Depois da democracia racial. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 2. Nov. 2006. p. 269-287.

HALL, Stuart. A questão multicultural. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (org.); RESENDE, Adelaine La Guardia [et al] (trads.). - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 51-100

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. A Relevância de Gramsci para o Estudo de Raça e Etnicidade. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (org.); RESENDE, Adelaine La Guardia [et al] (trads.). - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 294-394

HAFBAUER, Andreas. Raça se impõe. In.: \_\_\_\_\_. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora Unesp, 2006. p. 95-139 **conceito antropológico**. 14<sup>a</sup>.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Antropologia social), 2001.

LACOSTE, Yves. Geografia: Isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, São Paulo: Ed. Papirus, 1988.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti; TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira (orgs.). **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

MASSEY, Doreen. Pleo Espaço. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 2005.

MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. São Paulo: Ed Brasiliense, 2007.

MOREIRA, Ruy. Pensar e Ser em Geografia. São Paulo; Ed. Contexto, 2007.

MUNANGA, Kabengele Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações raciais e Educação PENESB-RJ**, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/inclusaosocial/>>; Acesso em: 28/05/2010.

\_\_\_\_\_. Nosso racismo é um crime perfeito. **Revista Fórum**. 2009. Disponível em: [http://www.revistaforum.com.br/noticias/2009/08/18/nosso\\_racismo\\_e\\_um\\_crime\\_perfeito/](http://www.revistaforum.com.br/noticias/2009/08/18/nosso_racismo_e_um_crime_perfeito/). Acesso em: 10/04/2013.

Parâmetros curriculares nacionais; História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

ROSENDAHL, Zeny. LOBATO, Roberto Corrêa. (Org). Manifestações da Cultura no espaço; Ed UERJ. 1999.

ROSENDAHL, Zeny. LOBATO, Roberto Corrêa. (Org). Literatura, música e espaço. Ed. UERJ. 2007.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e TEMPO, Razão e Emoção. São Paulo; Ed. Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. Por uma Outra globalização; Do pensamento único a consciência universal. 24° Ed.- Rio de Janeiro: Record, 2015.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

#### **Discografia:**

RACIONAIS MC'S. *Holocausto urbano*, 1990.

\_\_\_\_\_. *Escolha o seu caminho*, 1992.

\_\_\_\_\_. *Raio X do Brasil*, 1993.

\_\_\_\_\_. *Racionais MC's*, 1994.

\_\_\_\_\_. *Sobrevivendo no inferno*, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ao vivo*, 2001.

\_\_\_\_\_. *Nada como um dia após o outro dia*, 2002.

\_\_\_\_\_. *1000 trutas 1000 tretas*, 2006.

\_\_\_\_\_. *Tá na chuva*, 2009.

\_\_\_\_\_. *Cores e valores*, 2011.

## Anexos.

### LETRAS DE MÚSICAS

#### Artigo 157 (Eu sou 157)

(Nada como um dia após o outro dia, 2002)

Hoje eu sou ladrão, artigo 157,  
 As cachorra me amam,  
 Os playboy se derretem,  
 Hoje eu sou ladrão, artigo 157,  
 A policia paga um pau,  
 Sou heroi, dos pivete,  
 Uma par de bico cresce o zóio,  
 Quando eu chego,  
 Zé povinho é foda,  
 How,  
 É não nego,  
 Eu tô de mau com o mundo,  
 Terça-feira a tarde,  
 Já fumei um,  
 Ligeiro com os covarde,  
 Eu só confio em mim,  
 Mais ninguém,  
 Se me entende,  
 Fala giria bem,  
 Até papagaio aprende,  
 Vagabundo assalta banco,  
 Usando but versatti,  
 Civil dá o bote,  
 Usando caminhão da lait,  
 Presente de grego,  
 Num é cavalo de tróia,  
 Nem tudo que brilha,  
 Hé,  
 Reliquia nem jóia,  
 Não,  
 Lembra aqua fita lá João,  
 O bico veio ae,  
 Mó cara de ladrão,  
 Como é que é rappa,  
 Calor do caraio,  
 Se sabe,  
 Deixa eu fuma,  
 Passa bola romário,  
 Hum,  
 Meio confiado,  
 Né, hé,  
 Eu percebi,  
 Pensei,  
 Ó só, Que era truta seu,  
 Ó o milho,  
 258  
 E despedi o canal,

Que vende isso e aquilo,  
Quem é,  
Quem tem,  
M, pra vende,  
Quero um kilo,  
Um kilo de que jhow,  
Se conhece quem,  
Sei lá,  
Sei não, Hein,  
Eu sou novo também,  
Irmão,  
Quando ele falo,  
Um kilo,  
É o deixo,  
É o milho,  
A micha caiu,  
Mais onde é que já se viu,  
Assim,  
Tá de piolhagem,  
Não vai, daqui ali,  
Mó chavão,  
Nesse trajés,  
De oculos escuros,  
Bermuda e chinelo,  
O negão era policia,  
Irmão,  
Mó castelo,  
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,  
As cachorra me amam,  
Os playboy se derretém,  
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,  
A policia paga um pau,  
Sou heroi, dos pivete,  
(\*\*\*bis\*\*\*)  
Nego,  
São paulo é selva,  
E eu conheço a fauna,  
Muita calma ladrão,  
Muita calma,  
Eu vejo os ganso desce,  
E as cachorra subir,  
Os dois peida,  
Pra vê,  
Quem guia o gti,  
Mais também né joão,  
Sem fingi,  
Sem dá pano,  
É bocVamo e convenhamo,  
Tiazinha,  
Trabaia 30 ano,  
E anda a pé,  
As vez,  
Cagueta te revolta né,  
Que,  
Né nada disso não,  
Se tá nessa,

Revolta com o governo,  
Não comigo,  
As conversa,  
Traidor, cobra-cega,  
Penso se a moda pega,  
Nego,  
Eles te entrega,  
Pô depatri,  
Ae sujo,  
De bolinho,  
Complô,  
Pode até, ser que tem,  
Sei lá,  
Qualquer lugar,  
Varios tem celular,  
Não dá, pra acreditar,  
Que aconteça,  
Na hora do choque,  
Que um de nós,  
Troque uma cabeça,  
Por incrível que pareça,  
Pode ser,  
Ó, meu,  
O dia de amanhã,  
Quem sabe é deus,  
Eu não sei,  
Não vi,  
Não sou,  
Morro cadeado,  
Firmão,  
Deixa eu ir,  
Quem não é visto,  
Não é lembrado,  
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,  
As cachorra me amam,  
Os playboy se derretem,  
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,  
A policia paga um pau,  
Sou héroi, dos pivete,  
(\*\*\*bis\*\*\*)  
Familia,  
Em primeiro lugar, É o que há,  
Juro pra senho mãe,  
Que eu vou parar,  
Meu amor é só seu,  
Brilhate num cofre,  
Enquanto eu viver,  
A senhora nunca mais sofre,  
Tá daquele jeito,  
Se é,  
É agora,  
É calça de veludo,  
É bunda de fora,  
Me perdoe,  
Me perdoe mãe,  
Se eu não tenho mais o olhar,

Que um dia foi,  
Te agradar,  
Com cartaz,  
Escrito assim,  
12 de maio,  
Em marrom,  
Um coração azul e branco,  
Em papel crepom,  
Seu mundo era bom,  
Pena que hoje em dia,  
Só encontro,  
No seu álbum de fotografia,  
Eu juro que vou te prova,  
Que não foi em vão,  
Mais do pior,  
Do de bacana,  
Não dá mais não,  
Xi, João,  
Falando sozinho,  
Essa era da boa,  
Põe dessa pra mim,  
O barato tá doido,  
E o mano te ligo ali,  
Mais tem que ser já,  
Sem pensa,  
Se quer ir,  
A ponta é daqui a pouco,  
8 hora, 8 e pouco,  
Tá tudo no papel,  
Dá pra arrumar uns troco,  
O time tava montado,  
Mais tem,  
O que não pode mano,  
É doutro lado,  
Mais é, É pela ordem,  
Vamo dá mó mamão,  
Só cata,  
Demoro,  
Ó só,  
Ti puis na fita,  
Porque você é merecedor,  
Na vou de pow,  
E fita podre,  
Aliado,  
A cena é essa,  
Fica ligado,  
Um mão branca,  
Fica só de migué,  
No bar em frente,  
O dia inteiro, tomando café,  
É nosso,  
O outro é japonês,  
O kazu,  
Que fica ali,  
Vendendo um dog,  
Talão zona azul,



Se compra o dog dele,  
E fica ali no bolinho,  
Ele tem,  
Só um canela seca no carrinho,  
Se liga a loira né,  
Então,  
Vai tá lá dentro,  
De onda com os guardinha,  
Pam,  
É nessa ae que eu entro,  
É 2 tem mais um,  
Foi quem deu,  
Tá ligeiro,  
Na hora,  
Ele vai tá de h no banheiro,  
Tem uma xt na porta,  
E uma shaara,  
Pega a contra-mão,  
Vira a esquerda e não para,  
A cara,  
É direto e reto,  
Na mesma,  
Até a praça,  
Que tá tudo em obra,  
E os carro não passa,  
Do outro lado tá a rose,  
De golf,  
Na espera,  
Das as arma e os malote pra ela, E já era,  
Depois só,  
Praia e maconha,  
Come todas burguesa,  
Em fernão de noronha,  
Nossa mano,  
Pega aqueles gadinho lá,  
Que mora no condôminio,  
Vixi,  
Hi aquelas mina lá,  
Só gata feio,  
Se elas até gosta de fuma,um baseado,  
Vo leva elas toda,  
O dia d chego,  
Se esse é o lugar,  
Então aqui estou,  
Quanto mais frio,  
Mais em prol,  
Uma amante do dinheiro,  
Pontual como o sol,  
Igual eu,  
De roupão e capacete,  
No frio já é quente,  
Ainda usando colete,  
Já era estou aqui,  
E aonde se tá João,  
Não tô vendo ninguém,  
E o japonês, não tá aqui não,

Ou tai,  
Não tá né,  
Quanto mão,  
Nem quando eu também,  
Desde quando eu cheguei,  
Mais por que logo hoje,  
Por que mudaro,  
É difícil erra,  
Mais quem deu a fita errada,  
Sei não,  
Tá esquisito João,  
Tá sinistro,  
Não é melhor nós se joga,  
Vê deireito,  
E qualquer coisa,  
A loira vai liga,  
Num tem pressa,  
Se é crime meu irmão,  
Caraio,  
Porra,  
Num dá essa,  
Só tem o zé povinho,  
E os motoboy, Tá gelado,  
Vamo entra,  
Vagabundo é nós,  
Nossa senhora,  
Neguinho passo a mil,  
Eu falei,  
Nem ouviu,  
Nem olho,  
Nem me viu,  
Minha cara é esperar,  
Eu não tiro o zóio,  
Lá dentro eu não sei,  
Meu estômago dói,  
Lá vem o truta,  
Vamo,  
É agora,  
Tudo errado,  
Vamo embora,  
Caiu a fita,  
Sujo,  
Cade o neguinho,  
Demoro, caraio,  
Bem que eu falei,  
Todos fuça mudo,  
Só tinha 2, mais tem 3,  
O neguinho vinha vindo,  
Do que vinha rindo,  
O pesadelo do sistema,  
É não ter medo da morte,  
Dobro o joelho,  
E caiu como um homem,  
Na giratoria, abraçado com o malote,  
Eu falei porra,  
Não te falei,

E, h,  
 Pra mãe dele,  
 Quem que vai fala,  
 Quando nós chega,  
 Um filho pra cria,  
 Imagina a noticia,  
 Lamentavel,  
 Vamo ae,  
 Vai chove de policia,  
 A vida é sofrida,  
 Mais não vou chorar,  
 Vive de que,  
 Eu vou me humilha,  
 É tudo uma questão,  
 De conhecer o lugar,  
 Quanto tem,  
 Quanto vem, E a minha parte quanto dá,  
 Porque,  
 Hoje eu sou ladrão, artigo 157,  
 As cachorra me amam,  
 Os playboy se derretem,  
 Hoje eu sou ladrão, artigo 157,  
 A policia paga um pau,  
 Sou héroi, dos pivete,  
 (\*\*bis\*\*)  
 Ae louco, muita fé naquele que tá lá em cima,  
 Que ele olha pra todos, e todos tem o mesmo valor,  
 Vem fácil, vai fácil, essa é a lei da natureza,  
 Não pode se desesperar,  
 E ae mulekadinha, todo olho em voces hein,  
 Não vai pra grup não, a cena é triste,  
 Vamo estuda, respeita o pai e a mãe,  
 E viver, viver, essa é a cena,  
 Então louco.

#### Capítulo 4, Versículo 3

(Sobrevivendo no inferno, 1997)

"60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial  
 A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras  
 Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros  
 A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo"  
 Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente  
 Minha intenção é ruim  
 Esvazia o lugar  
 Eu tô em cima eu tô afim  
 Um, dois pra atirar  
 Eu sou bem pior do que você tá vendo  
 O preto aqui não tem dó  
 É 100% veneno  
 A primeira faz bum, a segunda faz tá  
 Eu tenho uma missão e não vou parar  
 Meu estilo é pesado e faz tremer o chão  
 Minha palavra vale um tiro e eu tenho muito munição  
 Na queda ou na ascensão minha atitude vai além  
 E tenho disposição pro mal e pro bem

Talvez eu seja um sádico  
Um anjo  
Um mágico  
Juiz ou réu  
Um bandido do céu  
Malandro ou otário  
Padre sanguinário  
Franco atirador se for necessário  
Revolucionário  
Insano Ou marginal  
Antigo e moderno  
Imortal  
Fronteira do céu com o inferno  
Astral imprevisível  
Como um ataque cardíaco  
No verso  
Violentamente pacífico  
Verídico  
Vim pra sabotar seu raciocínio  
Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sangüíneo  
Pra mim ainda é pouco  
Brown cachorro louco  
Número 1 dia  
Terrorista da periferia  
Uni-duni-tê  
O que eu tenho pra você  
Um rap venenoso ou uma rajada de pt  
E a profecia se fez como previsto  
1 9 9 7 depois de Cristo  
A fúria negra ressuscita outra vez  
Racionais capítulo 4 - versículo 3  
Aleluia...aleluia...acionais no ar, filha da puta, pá, pá, pá  
Faz frio em São Paulo  
Pra mim tá sempre bom  
Eu tô na rua de bombeta e moletom  
Dim dim dom  
Rap é o som  
Que emana no opala marrom  
E aí  
Chama o Guilherme  
Chama o Vander  
Chama o Dinho  
E o Gui  
Marquinho chama o éder, vamo aí  
Se os outros manos vem, pela ordem tudo bem  
Melhor  
Quem é quem no bilhar no dominó  
Colô dois manos  
Um acenou pra mim  
De jaco de cetim  
De tênis, calça jeans  
Ei Brown, sai fora  
Nem vai, nem cola  
Não vale a pena dar idéia nesses tipo aí  
Ontem à noite eu vi na beira do asfalto  
Tragando a morte, soprando a vida pro alto

Ó os cara só a pó, pele o osso  
 No fundo do poço, mó flagrante no bolso  
 Veja bem, ninguém é mais que ninguém  
 Veja bem, veja bem, eles são nosso irmãos também Mas de cocaína e crack,  
 Whisky e conhaque  
 Os manos morrem rapidinho sem lugar de destaque  
 Mas quem sou eu pra falar  
 De quem cheira ou quem fuma  
 Nem dá  
 Nunca te dei porra nenhuma  
 Você fuma o que vem  
 Entope o nariz  
 Bebe tudo o que vê  
 Faça o diabo feliz  
 Você vai terminar tipo o outro mano lá  
 Que era um preto tipo a  
 E nem entrava numa  
 Mó estilo  
 De calça Calvin Klein  
 E tênis puma  
 Um jeito humilde de ser  
 No trampo e no rolê  
 Curtia um funk  
 Jogava uma bola  
 Buscava a preta dele no portão da escola  
 Exemplo pra nós, mó moral, mó ibope  
 Mas começou colar com os branquinhos do shopping  
 "Aí já era"  
 Ih mano outra vida, outro pique  
 Só mina de elite  
 Balada, vários drink  
 Puta de butique  
 Toda aquela porra  
 Sexo sem limite  
 Sodoma e gomorra  
 Faz uns nove anos  
 Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano  
 Cê tem que vê  
 Pedindo cigarro pros tiozinho no ponto  
 Dente tudo zoadado  
 Bolso sem nenhum conto  
 O cara cheira mal  
 As tia sente medo  
 Muito louco de sei lá o quê logo cedo  
 Agora não oferece mais perigo  
 Viciado,  
 Doente,  
 Fudido:  
 Inofensivo  
 Um dia um PM negro veio embaçar  
 E disse pra eu me pôr no meu lugar  
 Eu vejo um mano nessas condições: não dá  
 Será assim que eu deveria estar?  
 Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor Pelo rádio, jornal, revista e outdoor  
 Te oferece dinheiro, conversa com calma  
 Contamina seu caráter, rouba sua alma

Depois te joga na merda sozinho  
 Transforma um preto tipo A num neguinho  
 Minha palavra alivia sua dor  
 Ilumina minha alma  
 Louvado seja o meu senhor  
 Que não deixa o mano aqui desandar ah  
 E nem sentar o dedo em nenhum pilantra  
 Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei  
 Racionais capítulo 4 versículo 3  
 Aleluia...aleluia...racionais no ar filha da puta, pá, pá, pá  
 Quatro minutos se passaram e ninguém viu  
 O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil  
 Talvez o mano que trampa de baixo de um carro sujo de óleo  
 Que enquadra o carro forte na febre com sangue nos olhos  
 O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol  
 Ou o que vende chocolate de farol em farol  
 Talvez o cara que defende o pobre no tribunal  
 Ou que procura vida nova na condicional  
 Alguém num quarto de madeira lendo à luz de vela  
 Ouvindo um rádio velho no fundo de uma cela  
 Ou da família real de negro como eu sou  
 Um príncipe guerreiro que defende o gol  
 E eu não mudo mas eu não me iludo  
 Os mano cu-de-burro têm, eu sei de tudo  
 Em troca de dinheiro e um carro bom  
 Tem mano que rebola e usa até batom  
 Varios patricios falam merda pra todo mundo rir  
 Ah ah, pra ver Branquinho aplaudir  
 É, na sua área tem fulano até pior  
 Cada um, cada um: você se sente só  
 Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério  
 Explode sua cara por um toca-fita velho  
 Click plá plá pláu e acabou  
 Sem dó e sem dor  
 Foda-se sua cor  
 Limpa o sangue com a camisa e manda se fuder  
 Você sabe por quê? pra onde vai pra quê?  
 Vai de bar em bar  
 Esquina em esquina  
 Pegar 50 conto  
 Trocar por cocaína  
 Enfim, o filme acabou pra você  
 A bala não é de festim  
 Aqui não tem dublê  
 Para os manos da Baixada Fluminense à Ceilândia  
 Eu sei, as ruas não são como a disneylandia  
 De Guaianazes ao extremo sul de santo amaro  
 Ser um preto tipo A custa caro É foda, foda é assistir a propaganda e ver  
 Não dá pra ter aquilo pra você  
 Playboy forgado de brinco: cu, trouxa  
 Roubado dentro do carro na avenida Rebouças  
 Correntinha das moça  
 As madame de bolsa  
 Dinheiro: não tive pai não sou herdeiro  
 Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal  
 Por menos de um real

Minha chance era pouca  
 Mas se eu fosse aquele moleque de tôca  
 Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca  
 De quebrada sem roupa, você e sua mina  
 Um, dois  
 Nem me viu: já sumi na neblina  
 Mas não, permaneço vivo  
 Prossigo a mística  
 Vinte e sete anos contrariando a estatística  
 Seu comercial de tv não me engana  
 Eu não preciso de status nem fama  
 Seu carro e sua grana já não me seduz  
 E nem a sua puta de olhos azuis  
 Eu sou apenas um rapaz latino-americano  
 Apoiado por mais de 50 mil manos  
 Efeito colateral que o seu sistema fez  
 Racionais capítulo 4 versículo 3.

### **Corpo Fechado**

(Thaíde & DJ Hum)  
 Me atire uma pedra  
 Que eu te atiro uma granada  
 Se tocar em minha face sua vida está selada  
 Por tanto meu amigo, pense bem no que fará  
 Porque eu não sei, se outra chance você terá ...  
 Você não sabe de onde eu vim  
 E não sabe pra onde eu vou  
 Mais pra sua informação vou te falar quem eu sou  
 Meu nome é thaíde  
 E não tenho r.g.  
 Não tenho c.i.c.  
 Perdi a profissional  
 Nasci numa favela  
 De parto natural  
 Numa sexta feira  
 Santa que chovia  
 Pra valer  
 Os demônios me protegem e os deuses também  
 Ogum, iemanjá e outros santo  
 Meu nome é thaíde  
 Meu corpo é fechado e não aceita revide, thaíde ...  
 Na 43 eu escrevi o meu nome numa cela  
 Queimei um camburão  
 Que desceu na favela  
 Em briga de rua já quebraram meu nariz  
 Não há nada nesta vida que eu já não fiz  
 Vivo nas ruas com minha liberdade  
 Fugi da escola com 10 anos de idade  
 As ruas da cidade foram minha educação  
 A minha lei sempre foi a lei do cão  
 Não me arrependo de nada que eu fiz  
 Saber que eu vou pro céu não me deixa feliz  
 Essa prece que tu rezas eu já muito rezei  
 E pro deus que tu confessas eu já muito me expliquei  
 (refrão)  
 Thaíde

Tenho o coração mole mas também sou vingativo  
 Por tanto pense bem se quer aprontar comigo  
 Se achas que esse neguinho sua bronca logo esquece  
 Então não perca tempo pergunte a quem conhece  
 Eu só gosto de quem gosta de mim  
 Mas se for os meus amigos eu luto até o fim  
 Se mexer com a minha mãe  
 Meu dj ou minha mina você pode estar ciente sua sorte está perdida  
 Pode demorar mas eu sempre pago minhas contas  
 Também não sou louco pra dar soco, em faca de ponta  
 Sempre cobro as minha contas com juro e correção  
 16 toneladas eu seguro numa mão Thaíde ....  
 Não nasci loirinho com o olho verdinho  
 Sou caboclinho comum nada bonitinho  
 Feio e esperto com cara de mal  
 Mas graças a Deus totalmente normal  
 (refrão)  
 Thaíde ...  
 Mas meu nome é Thaíde ...

### **Da Ponte Pra Cá**

(Nada como um dia após o outro dia, 2002)  
 A lua cheia clareia as ruas do Capão,  
 Acima de nós só DEUS humilde, né, não? Né, não?  
 Saúde! Plin!, mulher e muito som,  
 Vinho branco para todos, um advogado bom  
 Cof, cof, ah! Esse frio tá de fuder,  
 Terça feira é ruim de rolê, vou fazer o que?  
 Nunca mudou nem nunca mudará  
 O cheiro de fogueira vai perfumando o ar  
 Mesmo céu, mesmo CEP no lado sul do mapa,  
 Sempre ouvindo um rap para alegrar a rapaNas ruas da sul eles me chamam brown,  
 maldito, vagabundo, mente criminal  
 O que toma uma taça de champanhe também curte  
 Desbaratinado, tubaína, tutti-frutti.  
 Fanático, melodramático, bon-vivant,  
 Depósito de mágoa, quem está certo é os Saddam , ham...  
 Playboy bom é chinês, australiano,  
 Fala feio e mora longe, não me chama de mano  
 "- E aí, brother, hey, uhuuul! " Pau no seu... aaai!  
 Três vezes seu sofredor, eu odeio todos vocês  
 Vem de artes marciais que eu vou de sig sauer,  
 Quero sua irmã e seu relógio tag heuer  
 Um conto, se pá, dá pra catar,  
 Ir para a quebrada e gastar antes do galo cantar.  
 Um triplex para a coroa é o que malandro quer,  
 Não só desfilar de nike no pé  
 Ô, vem com a minha cara e o din-din do seu pai,  
 Mas no rolê com nós cê não vai  
 Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar.  
 Entendeu? Se a vida é assim, tem culpa eu?  
 Se é o crime ou o creme, se não deves não teme,  
 As perversa se ouriça, os inimigo treme  
 E a neblina cobre a estrada de Itapecirica...  
 Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá zica!



Não adianta querer, tem que ser, tem que pá,  
 O mundo é diferente da ponte pra cá  
 Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar,  
 O mundo é diferente da ponte pra cá  
 Tem que ser, tem que pá,  
 O mundo é diferente da ponte pra cá  
 Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar  
 Ai, ai, ai  
 Outra vez nós aqui, vai vendo,  
 Lavando o ódio embaixo do sereno  
 Cada um no seu castelo, cada um na sua função,  
 Tudo junto, cada qual na sua solidão  
 Hei, mulher é mato, a Mary Jane impera,  
 Dilui a rádio e solta na atmosfera  
 Faz da quebrada o equilíbrio ecológico,  
 E distingüi o judas só no psicológico  
 Hó, filosofia de fumaça, analise,  
 E cada favelado é um universo em crise  
 Quem não quer brilhar, quem não? Mostra quem,  
 Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém  
 Quantos caras bom, no auge se afundaram por fama  
 E tá tirando dez de havaiana?  
 E quem não quer chegar de honda preto em banco de couro,  
 E ter a caminhada escrita em letras de ouro?  
 A mulher mais linda sensual e atraente,  
 A pele cor da noite, lisa e reluzente  
 Andar com quem é mais leal verdadeiro, Na vida ou na morte o mais nobre guerreiro  
 O riso da criança mais triste e carente,  
 Ouro e diamante, relógio e corrente  
 Ver minha coroa onde eu sempre quis pôr,  
 De turbante, chofer, uma madame nagô.  
 Sofrer pra que mais, se o mundo jaz do maligno?  
 Morrer como homem e ter um velório digno  
 Eu nunca tive bicicleta ou video-game,  
 Agora eu quero o mundo igual Cidadão Kane,  
 Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola,  
 Minha meta é dez, nove e meio nem rola  
 Meio ponto a ver, hum e morre um,  
 Meio certo não existe, truta, o ditado é comum  
 Ser humano perfeito, não tem mesmo não,  
 Procurada viva ou morta a perfeição  
 Errares, humanos esti, grego ou troiano,  
 Latim, tanto faz pra mim: "Fi" de baiano  
 Mas se tiver calor, quentão no verão,  
 Cê quer da um rolê no capão daquele jeito,  
 Mas perde a linha fácil, veste a carapuça,  
 Esquece estes defeitos no seu jaco de camurça  
 Jardim Rosana, Treze, Tremembé  
 Santa Tereza, Valo Velho e Dom José.  
 Parque Chácara, Lídia, Vaz,  
 Fundão, muita treta com a Vinícius de Moraes  
 Não adianta querer, tem que ser, tem que pá,  
 O mundo é diferente da ponte pra cá  
 Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar,  
 O mundo é diferente da ponte pra cá  
 Haha

Tem que ser, tem que pá,  
 O mundo é diferente da ponte pra cá  
 Não adianta querer ser, tem que ter pápápá  
 Firmeza total  
 Mas não leve a mal tru, cê não entendeu,  
 Cada um na sua função, o crime é crime e eu sou eu.  
 Antes de tudo eu quero dizer, pra ser sincero  
 Que eu não pago de quebrada mula ou banca forte.  
 Eu represento a sul, conheço louco na norte,  
 No 15 olha o que fala, perus, chicote estrala  
 Ridículo é ver os malandrão vândalo,  
 Batendo no peito feio e fazendo escândalo  
 Deixa ele engordar, deixa se criar bem,  
 Vai fundo, é com nós, super star, superman, vai...  
 Palmas para eles, digam hey, digam how,  
 Novo personagem pro Chico Anísio Show  
 Mas firmão, né, se Deus quer sem problemas,  
 Vermes e leões no mesmo ecossistema  
 Cê é cego doidão? Então baixa o farol!  
 Hei, how, se quer o quê com quem, djow?  
 Tá marcando, não dá pra ver quem é contra a Um pé de porco ou inimigo que vem de capuz  
 Hey truta, eu tô louco, eu to vendo miragem,  
 Um bradesco bem em frente a favela é viagem  
 De classe "A" da "TAM" tomando jb  
 Ou viajar de blazer pró 92 DP  
 Viajar de GTI quebra a banca,  
 Só não pode viajar c'os mão branca  
 Senhor, guarda meus irmãos nesse horizonte cinzento,  
 Nesse capão redondo, frio sem sentimento  
 Os manos é sofrido e fuma um sem dar guela,  
 É o estilo favela e o respeito por ela  
 Os moleque tem instinto e ninguém amarela.  
 Os coxinha cresce o zóio na função e gela  
 Não adianta querer, tem que ser, tem que pá,  
 O mundo é diferente da ponte pra cá  
 Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar,  
 O mundo é diferente da ponte pra cá  
 Não adianta querer, tem que ser, tem que pá,  
 O mundo é diferente da ponte pra cá  
 Não adianta querer ser, tem que pra trocar  
 Haa  
 Três da manhã, eu vejo tudo e ninguém me vê  
 Subindo o campo de fora  
 Eu, meu parceiro Dinho ouvindo 2Pac  
 Tomando vinho, vivão e consciente  
 Aí Bataão, Pablo, Neguim Emerson  
 Marquinho, Cascão, Jonny MC, Sora,  
 Marcão, Pantaleão, Nelito, Celião, Ivan, Di (Na Zona Norte)  
 Sem palavra irmão. Aí os irmão do Pantanal (Na Zona Oeste)  
 a rapa do morro; e as que estão com Deus, (Na Zona leste, cara tô na área)  
 Deda, Tchai, Edi 16, Edi (Na Zona Sul)  
 Um dia nos encontraremos  
 A selva é como ela é, vaidosa e ambiciosa  
 Irada e luxuriosa. Pros moleque da quebrada  
 Um futuro mais ameno, essa é a meta  
 Pela Fundão, sem palavras, muito amor!

(Ai ai ai ah  
 Firmeza total vagabundo  
 É desse jeito  
 Haha  
 Ra ra taratátá, tataratatata

### **Fim de Semana no Parque**

(Raio X do Brasil, 1993)  
 " A TODA COMUNIDADE POBRE DA ZONA SUL "  
 Chegou fim de semana todos querem diversão  
 Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro  
 São Paulo Zona Sul tudo mundo a vontade calor céu azul  
 Eu quero aproveitar o sol  
 Encontrar os camaradas prum basquetebol  
 Não pega nada  
 Estou à 1 hora da minha quebrada  
 Logo mais, quero ver todos em paz  
 Um dois três carros na calçada  
 Feliz e agitada toda "prayboyzada"  
 As garagens abertas eles lavam os carros  
 Disperdiçam a água, eles fazem a festa  
 Vários estilos vagabundas, motocicletas  
 Coroa rico boca aberta, isca predileta  
 De verde fluorescente queimada sorridente  
 A mesma vaca loura circulando como sempre  
 Roda a banca dos playboys do Guarujá  
 Muitos manos se esquecem na minha não cresce  
 Sou assim e estou legal, até me leve a mal  
 Malicioso e realista sou eu Mano Brown  
 Me de 4 bons motivos pra não ser  
 Olha meu povo nas favelas e vai perceber  
 Daqui eu vejo uma caranga do ano  
 Toda equipada e o tiozinho guiando  
 Com seus filhos ao lado estão indo ao parque  
 Eufóricos brinquedos eletrônicos  
 Automaticamente eu imagino  
 A molecada lá da área como é que tá  
 Provalvemente correndo pra lá e pra cá  
 Jogando bola descalços nas ruas de terra  
 É, brincam do jeito que dá  
 Gritando palavrão é o jeito deles  
 Eles não tem video-game às vezes nem televisão  
 Mas todos eles têm um dom São Cosme São Damião  
 A única proteção.  
 No último natal papai Noel escondeu um brinquedo  
 Prateado, brilhava no meio do mato  
 Um menininho de 10 anos achou o presente,  
 Era de ferro com 12 balas no pente  
 E fim de ano foi melhor pra muita gente  
 Eles também gostariam de ter bicicleta  
 De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta  
 Gostam de ir ao parque e se divertir  
 E que alguém os ensinasse a dirigir  
 Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho  
 Fim de semana do Parque Sto. Antônio.

(Refrão):

Vamos passear no Parque  
 Deixa o menino brincar  
 Fim de Semana no parque  
 Vou rezar pra esse domingo não chover  
 Olha só aquele clube que dahora  
 Olha aquela quadra, olha aquele campo Olha, Olha quanta gente  
 Tem sorveteria cinema piscina quente  
 Olha quanto boy, olha quanta mina  
 Afoga essa vaca dentro da piscina  
 Tem corrida de kart dá pra ver  
 É igualzinho o que eu ví ontem na TV  
 Olha só aquele clube que da hora,  
 Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora  
 Nem se lembra do dinheiro que tem que levar  
 Do seu pai bem louco gritando dentro do bar  
 Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro  
 Ele apenas sonha através do muro...  
 Milhares de casas amontoadas  
 Ruas de terra esse é o morro  
 A minha área me espera  
 Gritaria na feira (vamos chegando!)  
 Pode crer eu gosto disso mais calor humano  
 Na periferia a alegria é igual  
 É quase meio dia a euforia é geral  
 É lá que moram meus irmãos meus amigos  
 E a maioria por aqui se parece comigo  
 E eu também sou bam bam bam e o que manda  
 O pessoal desde às 10 da manhã está no samba  
 Preste atenção no repique atenção no acorde  
 (Como é que é Mano Brown?)  
 Pode crer pela ordem  
 A número número 1 de baixa renda da cidade  
 Comunidade Zona Sul é dignidade  
 Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro  
 Polícia a morte, polícia socorro  
 Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo  
 Pra molecada frequentar nenhum incentivo  
 O investimento no lazer é muito escasso  
 O centro comunitário é um fracasso  
 Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo  
 Tem bebida e cocaína sempre por perto  
 A cada esquina 100 200 metros  
 Nem sempre é bom ser esperto  
 Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari  
 Pronúncia agradável estrago inevitável  
 Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar M.E.R.D.A.  
 Como se fosse ontem ainda me lembro  
 7 horas sábado 4 de Dezembro  
 Uma bala uma moto com 2 imbecis  
 Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz  
 E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em paz  
 Vigiando lá de cima  
 A molecada do Parque Regina  
 (Refrão)  
 Tô cansado dessa porra de toda essa bobagem

Alcolismo, vingança treta malandragem Mãe angustiada filho problemático  
 Famílias destruídas fins de semana trágicos  
 O sistema quer isso a molecada tem que aprender  
 Fim de semana no Parque Ipê  
 (Refrão)  
 "Pode crer Racionais Mc's e Negritude Junior juntos  
 Vamos investir em nós mesmos mantendo distância das  
 Drogas e do alcool.  
 Aí rapaziada do Parque Ipê, Jd. São Luiz, Jd. Ingá, Parque Araríba, Váz de Lima  
 Morro do Piolho e Vale das Virtudes e Pirajussara  
 É isso aí mano Brown (é isso aí Netinho paz à todos)"

### **Fórmula Mágica da Paz**

(Sobrevivendo no inferno, 1997)  
 Essa pôrra e um campo minado  
 Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui,  
 Mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho  
 A minha vida é aqui e eu não preciso sair  
 É muito fácil fugir mas eu não vou,  
 Não vou trair quem eu fui, quem eu sou  
 Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim, ensinamento da favela foi muito bom pra mim  
 Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão e eu sempre respeitei  
 Qualquer Jurisdição, qualquer área, Jd. Santo Eduardo, Grajaú, Missionária, Funchal, Pedreira e tal,  
 Joaniza  
 Eu tento adivinhar o que você mais precisa  
 Levantar sua "goma" ou comprar uns "pano", um advogado pra tirar seu mano  
 No dia da visita você diz, que eu vou mandar cigarro pros maluco lá no x.  
 Então, como eu tava dizendo, sangue bom, isso não é sermão, ouve aí tenho o dom  
 Eu sei como é que é, é foda parceiro, eh, a maldade na cabeça o dia inteiro nada de roupa, nada de carro,  
 sem emprego, não tem ibope, não tem rolê, sem dinheiro  
 Sendo assim, sem chance, sem mulher, você sabe muito bem o que ela quer (eh....). encontre uma de  
 caráter se você puder,  
 É embaçado ou não é?  
 Ninguém é mais que ninguém, absolutamente, aqui quem fala é mais um sobrevivente  
 Eu era só um moleque, só pensava em dançar, cabelo black e tênis All Star  
 Na roda da função "mó zoeira" tomando vinho seco em volta da fogueira, a noite inteira, só contando  
 história, sobre o crime, sobre as treta na escola  
 Eu não tava nem aí, nem levava nada a sério, admirava os ladrão e os malandro mais velho  
 Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga:  
 O que melhorou? da função quem sobrou? sei lá, muito velório rolou de lá pra cá, qual a próxima mãe  
 que  
 vai chorar?  
 Há, demorou mas hoje eu posso compreender, que malandragem de verdade é viver  
 Agradeço a Deus e aos Orixás, parei no meio do caminho e nem olhei pra trás meus outros manos todos  
 foram longe demais, Cemitério São Luis, aqui jaz  
 Mas que merda, meu oitão tá até a boca, que vida louca! por que é que tem que ser assim?  
 Ontem eu sonhei que um fulano aproximou de mim, "agora eu quero ver ladrão, pá! pá! pá! pá!", Fim.  
 É... sonho é sonho, deixa quieto  
 Sexto sentido é um dom, eu tô esperto, morrer é um fator, mas conforme for, tem no bolso e na agulha e  
 mais 5 no tambor Joga o jogo, vamo lá, caiu a 8 eu mato a par  
 Eu não preciso de muito pra sentir-me capaz de encontrar a  
 Fórmula Mágica da Paz.  
 Eu vou procurar, sei que vou encontrar, eu vou procurar,  
 Eu vou procurar, você não bota mó fé, mas eu vou atrás  
 (Eu vou procurar e sei que vou encontrar)

Da minha fórmula mágica da paz.  
 Eu vou procurar, sei que vou encontrar  
 Procure a sua(eu vou procurar, eu vou procurar,  
 Você não bota uma fé...  
 Eu vou atrás da minha(você não bota uma fé)  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Caralho, que calor, que horas são agora?  
 Dá pra ouvir a pivetada gritando lá fora  
 Hoje, acordei cedo pra ver, sentir a brisa de manhã e o sol nascer  
 É época de pipa, o céu tá cheio, 15 anos atrás eu tava ali no meio  
 Lembrei de quando era pequeno, eu e os cara... faz tempo, faz tempo, e o tempo não para  
 Hoje tá da hora o esquema pra sair, é... vamo, não demora, mano, chega aí!  
 "Cê viu ontí"? os tiro ouvi de monte! então, diz que tem uma pá de Sangue no campo."  
 Ih, mano toda mão é sempre a mesma idéia junto: Treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto  
 Traz a fita pra eu ouvir que eu tô sem, principalmente aquela lá do Jorge Ben  
 Uma pá de mano preso chora a solidão, uma pá de mano solto sem disposição  
 Empenhando por aí, rádio, tênis, calça, acende num cachimbo... virou fumaça!  
 Não é por nada não, mas aí, nem me ligo ô, a minha liberdade eu curto  
 bem melhor, eu não tô nem aí pra o que os outros fala 4, 5, 6, preto num Opala, pode vir gambé, paga  
 pau,  
 tô na minha na moral na maior, sem goró, sem pacau, sem pó  
 Eu tô ligeiro, eu tenho a minha regra, não sou pedreiro, não fumo pedra Um rolê com os aliados já me faz  
 feliz, respeito mútuo é a chave é o que eu sempre quis(diz...) procure a sua, a minha eu vou atrás, até  
 mais,  
 da fórmula mágica da paz.  
 Eu vou procurar, sei que vou encontrar  
 Eu vou procurar, eu vou procurar  
 Você não bota mó fé..., mas eu vou atrás....  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Da fórmula mágica da paz  
 Eu vou procurar, sei que vou encontrar  
 Eu vou procurar, eu vou procurar  
 Você não bota mó fé..., mas eu vou atrás....  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Choro e correria no saguão do hospital  
 Dia das criança, feriado e luto final  
 Sangue e agonia entra pelo corredor, ele tá vivo pelo amor de  
 Deus doutor  
 4 tiros do pescoço pra cima, puta que pariu a chance é mínima  
 Aqui fora, revolta e dor, lá dentro estado desesperador  
 Eu percebi quem eu sou realmente, quando eu ouvi o meu sub-consciente:  
 "e aí mano brown cuzão? cadê você? seu mano tá morrendo o que você  
 Vai fazer?"  
 Pode crê, eu me senti inútil, eu me senti pequeno, mais um cuzão vingativo  
 Puta desespero, não dá pra acreditar, que pesadelo, eu quero acordar  
 Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum, o Derley era só mais um rapaz comum, dali a poucos  
 minutos, mais uma Dona Maria de luto Na parede o sinal da cruz, que porra é essa? Que mundo é esse?  
 Onde tá Jesus?  
 Mais uma vez um emissário, não incluiu Capão Redondo em seu itinerário Pôrra, eu tô confuso, preciso  
 pensar, me dá um tempo pra eu raciocinar Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá, minha ideologia  
 enfraqueceu: Preto, branco, polícia, ladrão ou eu, quem é mais filha da puta, eu não sei! aí fudeu, fudeu,  
 decepção essas hora... a depressão quer me pegar vou sair fora.  
 2 de novembro era finados, eu parei em frente ao São Luís do outro lado  
 E durante uma meia hora olhei um por um e o que todas as senhoras tinham em comum: a roupa humilde,  
 a pele escura, o rosto abatido pela  
 vida dura

Colocando flores sobre a sepultura("podia ser a minha mãe")Que loucura  
 Cada lugar uma lei, eu tô ligado, no extremo sul da Zona Sul tá tudo  
 errado, aqui vale muito pouco a sua vida, a nossa lei é falha, violenta e suicida  
 Se diz que, me diz que, não se revela: parágrafo primeiro na lei da favela  
 Legal, assustador é quando se descobre que tudo dá em nada e que só morre o pobre  
 A gente vive se matando irmão, por quê? não me olhe assim, eu sou igual a você  
 Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho, que no trem da malandragem, o meu rap é o trilho.  
 Vou dizer....  
 Procure a sua paz....  
 Pra todas a famílias ai que perderam pessoas importante morô meu!!!!  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Procure a sua paz(paz....)  
 Não se acostume com esse cotidiano violento,  
 Que essa não é a sua vida, essa não é a minha vida morô mano!!!!  
 Procure a sua paz....  
 Aí derlei, descanse em paz!  
 Aí carlinhos procure a sua paz!  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Aí quico, você deixou saudade morô mano!  
 Agradeço à Deus e aos Orixás....  
 Eu tenho muito a agradecer por tudo  
 Agradeço à Deus e aos Orixás....  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Cheguei aos 27, sou um vencedor, tá ligado mano!!!!  
 Agradeço à Deus e aos Orixás....  
 Aí procure a sua, eu vou atrás da minha fórmula mágica da paz!  
 Você não bota mó fé....  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Aí, manda um toque na quebrada lá, cohab, adventista e pá rapaziada!!!!  
 Malandragem de verdade é viver....  
 Se liga!!!!  
 Procure a sua paz!!!!  
 Você não bota mó fé....  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Que tu fala é mano brown mais um sobrevivente  
 Agradeço á deus, agradeço á deus....  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 27 anos, contrariando a estatística morô meu!!!!  
 Agradeço á Deus, agradeço á Deus....  
 Procure a sua paz....  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Eu vou procurar.... Procure a sua paz...  
 Procure a sua!!!!  
 Eu vou encontrar  
 Você pode encontrar a sua paz, o seu paraíso!!!!  
 Eu vou procurar  
 Você pode encontrar o seu inferno!!!!  
 A fórmula mágica da paz.....!  
 (eu vou procurar e sei que vou encontrar)  
 Eu prefiro a / P a z ! ! ! ! !

## Genesis

(Sobrevivendo no inferno, 1997)

"Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor.

O homem me deu a favela, o crack, a traiagem, as arma, as bebida, as puta.

Eu? Eu tenho uma bíblia véia, uma pistola automática e um sentimento de revolta.  
Eu tô tentando sobreviver no inferno".

## Hey Boy

(Holocausto urbano, 1990)

Hey boy! hey boy!

Dá um tempo ai, cola ai!

Pera ai!

Que é mano?

Que esse otário tá fazendo aqui?

Ai dá um tempo ai, chega ai...

Que foi bicho!?

Lembra de mim mano?

Não...

Então vamo trocar uma idéia nós dois agora...

Hey boy o que você está fazendo aqui

Meu bairro não é seu lugar

E você vai se ferir

Você não sabe onde está

Caiu num ninho de cobra

E eu acho que vai ter que se explicar

Pra sair não vai ser fácil

A vida aqui é dura

Dura é a lei do mais forte

Onde a miséria não tem cura

E o remédio mais provável é a morte

Continuar vivo é uma batalha

Isso é se eu não cometer falha

E se eu não fosse esperto

Tiravam tudo de mim

Arrancavam minha pele

Minha vida enfim

Tenho que me desdobrar

Pra não puxarem meu tapete E estar sempre quente

Pra não ser surpreendido de repente

Se eu vacilo trocam minha vaga

O que você fizer

Aqui mesmo você paga

A pouca grana que eu tenho

Não dá pro próprio consumo

Enquanto nós conversamos

A polícia apreende e finge

A marginalidade cresce sem precedência

Conforme o tempo passa

Aumenta é a tendência

E muitas vezes não tem jeito

A solução é roubar

E seus pais acham que a cadeia é nosso lugar

O sistema é a causa



E nós somos a consequência....Maior  
Da chamada violência  
Por que na real  
Com nossa vida ninguém se importa  
E ainda querem que sejamos patriotas  
Hey...Boy...  
Isso tudo é verdade  
Mas não tenha dó de mim  
Por que esse é meu lugar  
Mas eu o quero mesmo assim  
Mesmo sendo o lado esquecido da cidade  
E bode espiatório de toda e qualquer mediocredade  
A sociedade já não sabe o que fazer  
Se vão interferir ou deixar acontecer  
Mas por sermos todos pobres  
Os tachados somos nós  
Só por ser conveniente  
Hey boy...  
Pense bem se não faz sentido  
Se hoje em dia eu fosse um cara  
Tão bem sucedido  
Como você é chamado de superior  
E tem todos na mão  
E tudo a seu favor  
Sempre teve tudo  
E não fez nada por ninguém  
Se as coisas andam mal  
É sua culpa também  
Seus pais dão as costas  
Para o mundo que os cercam  
Ficam com o maior melhor  
E pra nós nada resta  
Você gasta fortunas  
Se vestindo em etiqueta  
E na sergeta é as crianças  
280  
Futuros homens  
Quase não comem morrem de fome  
Com frio e com medo  
Já não é segredo e as drogas consomem  
Sinta o contraste e só me de razão  
Não fale mais nada porque  
Vai ser em vão  
Hey Boy...  
Você faz parte daqueles que colaboram  
Para que a vida de muias pessoas  
Seja tão ruim  
Acha que sozinho não vai resolver  
Mas é por muitos pensarem assim como você  
Que a situação  
Vai de mal a pior  
E como sempre você pensa em si só  
Seu egoísmo ambição e desprezo  
Serão os argumentos pra matar você mesmo  
Então eu digo Hey boy...  
Não fique surpreso

Se o ridículo e odioso  
 Círculo vicioso  
 Sistema que você faz parte  
 Transforma num criminoso  
 E doloroso  
 Será ser rejeitado HUMILHADO  
 Considerado um marginal  
 Discriminado, você vai saber  
 Sentir na pele como dói  
 Então aprenda a lição  
 Hey Boy....  
 "-Aí boy sai andando ai certo...  
 -Eu tenho todos os motivos  
 -Mas nem por isso eu vou te roubar  
 -Morô?  
 -Sai andadando  
 -Vai caminha mano!  
 -Não tem nada pra você aqui não, seu otário!  
 -Vai embora  
 -Sai fora  
 -E não pisa mais aqui hein!"

### **Homem da lei**

(Thaíde & DJ Hum - Hip Hop Cultura de Rua, 1988)

Cuidado!

Cuidado!

Cuidado povo de São Paulo, de Osasco e ABC  
 a polícia paulistana chegou para proteger  
 Policial é marginal e essa é a lei do cão  
 281

A polícia mata o povo e não vai para a prisão  
 São homens da Lei; reis da zona sul  
 Vestidos bonitinhos com o seu traje azul  
 Somem pessoas; onde enfiam eu não sei  
 E não podemos dizer nada, pois não somos da Lei  
 Oh! Meu Deus quando vão notar  
 Que dar segurança não é apavorar  
 Agora não posso mais sair na boa  
 Porque ela me pára e me prende à toa  
 Não adianta dizer que ela está errada  
 Pois a Lei é surda, cega e mal interpretada  
 Tenho que me comportar e andar com juízo  
 Pois ela nunca está aonde eu preciso  
 Se eles me pegam, avisem meu pai  
 Se saio dessa vivo, não morro nunca mais  
 Não sei se o meu destino é mofar atrás das grades  
 Ou ter meu corpo achado em um riacho da cidade  
 O que grilou e eu não entendi  
 É se fazem tudo isso pra se divertir  
 E com sua boa imagem ela gasta muita grana  
 São Paulo é um Estado com muita segurança  
 O povo todo ela aniquila  
 Faz o trabalho errado mas nunca vacila  
 E não tem erro, não tem apelo  
 Cortam a sua cabeça, arrancam os seus cabelos

Se voce não for esperto vai cair em sono eterno  
 Passar dessa para outra e até no inferno  
 O sistema é assim e ninguem nunca me disse  
 Tropeça no presunto e esbarra em tolices  
 Voce tem o rabo grande se escapar da morte  
 Se eles são os tais eu quero ser tambem  
 Ser mal educado e nao respeitar ninguem  
 Bater em qualquer jovem sem motivo nenhum!  
 Andar em liberdade e sem drama algum  
 Você tem o rabo grande se escapar da morte  
 Se ela nunca te parou você tem sorte!  
 Se eles são os tais eu quero ser tambem  
 Ser mal educado e nao respeitar ninguem  
 Bater em qualquer jovem sem motivo nenhum!  
 Andar em liberdade e sem drama algum  
 Você tem o rabo grande se escapar da morte  
 Se ela nunca te parou você tem sorte!  
 A burguesia nos ensina a não ter medo da morte  
 Nessa terra de sujeira, sair vivo é sorte!  
 Os homens da lei são todos porcos [bis]  
 282

### **Homem na Estrada**

(Raio X do Brasil, 1993)

Um homen na estrada recomeça sua vida.  
 Sua finalidade: a sua liberdade,  
 que foi perdida, subtraída;  
 e quer provar a si mesmo que realmente mudou,  
 que se recuperou e quer viver em paz,  
 não olhar para trás,  
 dizer ao crime: nunca mais!  
 Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.  
 Na Febem, lembranças dolorosas, então.  
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.  
 Muitos morreram sim, sonhando alto assim,  
 me digam quem é feliz,  
 quem não se desespera vendo, nascer seu filho no berço da miséria.  
 Um lugar onde só tinham como atração: o bar, e o candomblé pra se tomar a benção.  
 Esse é o palco da história que por mim será contada.  
 ...um homem na estrada.  
 Equilibrado num barranco incômodo, mal acabado e sujo, porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio.  
 Um cheiro horrível de esgoto no quintal, por cima ou por baixo, se chover será fatal.  
 Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou.  
 Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou.  
 Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas.  
 Logo depois esqueceram, filhos da puta!  
 Acharam uma mina morta e estuprada, deviam estar com muita raiva.  
 "Mano, quanta paulada!".  
 Estava irreconhecível, o rosto desfigurado.  
 Deu meia noite e o corpo ainda estava lá, coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado.  
 O IML estava só dez horas atrasado.  
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.  
 Quero que meu filho nem se lembre daqui, tenha uma vida segura.  
 Não quero que ele cresça com um "oitão" na cintura e uma "PT" na cabeça.  
 E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa o que fazer para sair dessa situação.  
 Desempregado então.

Com má reputação.  
 Viveu na detenção.  
 Ninguém confia não.  
 ...e a vida desse homem para sempre foi danificada.  
 Um homem na estrada...  
 Um homem na estrada..  
 Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual.  
 Calor insuportável, 28 graus.  
 Faltou água, ja é rotina, monotonia, não tem prazo pra voltar, hã! já fazem cinco dias.  
 São dez horas, a rua está agitada, uma ambulância foi chamada com extrema urgência.  
 Loucura, violência exagerada. Estourou a própria mãe, estava embriagado.  
 Mas bem antes da ressaca ele foi julgado. Empapuçado ele sai, vai dar um rolê.  
 Não acredita no que vê, não daquela maneira:  
 crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo seu café da manhã na lateral da feira.  
 Molecada sem futuro, eu já consigo ver, só vão na escola pra comer, apenas nada mais. Como é que vão aprender sem incentivo de alguém, sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz.  
 Um mano meu tava ganhando um dinheiro, tinha comprado um carro, até rolex tinha!  
 Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha.  
 Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro aos jornais, hu!, cartaz à policia.  
 Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares... superstar do Notícias Populares!  
 Uma semana depois chegou o crack, gente rica por trás, diretoria.  
 Aqui, periferia, miséria de sobra.  
 Um salário por dia garante a mão-de-obra.  
 A clientela tem grana e compra bem, tudo em casa, costa quente de sócio.  
 A playboyzada muito louca até os ossos!  
 Vender droga por aqui, grande negócio.  
 Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim,  
 Quero um futuro melhor, não quero morrer assim,  
 num necrotério qualquer, como indigente, sem nome e sem nada,  
 o homem na estrada.  
 Assaltos na redondeza levantaram suspeitas,  
 logo acusaram a favela para variar,  
 E o boato que corre é que esse homem está com o seu nome lá na lista dos suspeitos,  
 pregada na parede do bar.  
 A noite chega e o clima estranho no ar,  
 e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente,  
 mas na calada, caguetaram seus antecedentes.  
 Como se fosse uma doença incurável, no seu braço a tatuagem: DVC, uma passagem, 157 na lei...  
 No seu lado não tem mais ninguém.  
 A Justiça Criminal é implacável.  
 Tiram sua liberdade, família e moral.  
 Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão para sempre de ex presidiário.  
 Não confio na polícia, raça do caralho.  
 Se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cospem em mim é..  
 eu sangraria até a morte... Já era, um abraço!.  
 Por isso a minha segurança eu mesmo faço.  
 É madrugada, parece estar tudo normal.  
 Mas esse homem desperta, pressentindo o mal, muito cachorro latindo.  
 Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos no quintal.  
 A vizinhança está calada e insegura, premeditando o final que já conhecem bem.  
 Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez.  
 Vão invadir o seu barraco, "É a polícia"!  
 Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de carniça!  
 Já deram minha sentença e eu nem tava na "treta", não são poucos e já vieram muito loucos.

Matar na crocodilagem, não vão perder viagem, quinze caras lá fora, diversos calibres, e eu apenas com uma "treze tiros" automática.

Sou eu mesmo e eu, meu deus e o meu orixá.

No primeiro barulho, eu vou atirar.

Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém.

É o que eles querem: mais um "pretinho" na Febem.

284

Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, a gente sonha a vida inteira e só acorda no fim, minha verdade foi outra, não dá mais tempo pra nada... bang! bang! bang!

" Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do M'Boi Mirim sem número. Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais, segundo a polícia, a vítima tinha "vasta ficha criminal". "

### **Mágico de Oz**

(Sobrevivendo no inferno, 1997)

Aquele moleque, que sobrevive como manda o dia-a-dia,

Tá na correria, como vive a maioria,

Preto desde nascença, escuro de sol.

Eu tô pra vê ali igual, no futebol.

Sair um dia das ruas é a meta final,

Viver descente, sem ter na mente o mal.

Tem o instinto que a liberdade deu,

Tem a malícia, que cada esquina deu.

Conhece puta, traficante e ladrão,

Toda raça, uma par de alucinado e nunca embaçou.

Confia neles mais do que na polícia,

Quem confia em polícia? Eu não sou louco.

A noite chega e o frio também,

Sem demora, ai a pedra,

O consumo aumenta a cada hora.

Pra aquecer ou pra esquecer,

Viciar, deve ser pra se adormecer,

Pra sonha, viajar, na paranoia, na escuridão,

Um poço fundo de lama, mais um irmão,

Não quer crescer, ser fugitivo do passado,

Envergonhar-se se aos 25 ter chegado.

Queria que Deus ouvisse a minha voz,

E transformasse aqui num Mundo Mágico de Oz.

Queria que Deus ouvisse a minha voz (que Deus ouvisse a minha voz)

Num Mundo Mágico de Oz (um Mundo Mágico de Oz) (2x)

Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio,

Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio.

A impressão que dá, é que ninguém pode parar,

Um carro importado, som no talo,

Homem na Estrada, eles gostam.

Só bagaceira só, o dia inteiro só,

Como ganha o dinheiro?

Vendendo pedra e pó.

Rolex, ouro no pescoço à custa de alguém,

Uma gostosa do lado, pagando pau pra quem?

A polícia passou e fez o seu papel,

Dinheiro na mão, corrupção a luz do céu.

Que vida agitada, hein? Gente pobre tem.

Periferia tem. Você conhece alguém?

Moleque novo que não passa dos 12,

Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje.

285

Vira a esquina e para em frente a uma vitrine,  
 Se vê, se imagina na vida do crime.  
 Dizem que quem quer segue o caminho certo,  
 Ele se espelha em quem tá mais perto.  
 Pelo reflexo do vidro ele vê,  
 Seu sonho no chão se retorcer.  
 Ninguém liga pro moleque tendo um ataque,  
 "Foda-se, quem morrer dessa porra de crack."  
 Relacione os fatos com seu sonho,  
 Poderia ser eu no seu lugar.  
 Das duas uma, eu não quero desandar,  
 Por aqueles manos que trouxeram essa porra pra cá.  
 Matando os outros, em troca de dinheiro e fama,  
 Grana suja, como vem, vai, não me engana.  
 Queria que Deus ouvisse a minha voz,  
 E transformasse aqui num Mundo Mágico de Oz.  
 Queria que Deus ouvisse a minha voz (que Deus ouvisse a minha voz)  
 Num Mundo Mágico de Oz (um Mundo Mágico de Oz) (2x)  
 Ei mano, será que ele terá uma chance?  
 Quem vive nessa porra, merece uma revanche.  
 É um dom que você tem de viver,  
 É um dom que você recebe pra sobreviver.  
 História chata, mas cê tá ligado,  
 Que é bom lembrar: quem entra, é um em cem pra voltar.  
 Quer dinheiro pra vender? Tem um monte aí.  
 Tem dinheiro, quer usar? Tem um monte aí.  
 Tudo dentro de casa vira fumaça, é foda.  
 Será que Deus deve estar aprovando minha raça?  
 Só desgraça gira em torno daqui.  
 Falei do JB ao Piqueri, Mazzei.  
 Rezei para o moleque que pediu,  
 "Qualquer trocado, qualquer moeda,  
 Me ajuda tio..."  
 Pra mim não faz falta, uma moeda não neguei,  
 Não quero saber, o que que pega se eu errei.  
 Independente, a minha parte eu fiz,  
 Tirei um sorriso ingênuo, fiquei um terço feliz.  
 Se diz que moleque de rua rouba,  
 O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba?  
 Ele só não tem diploma pra roubar,  
 Ele não esconde atrás de uma farda suja.  
 É tudo uma questão de reflexão irmão,  
 É uma questão de pensar.  
 A polícia sempre dá o mau exemplo,  
 Lava a minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro.  
 Pra dentro de cada canto da cidade,  
 Pra cima dos quatro extremos da simplicidade.  
 A minha liberdade foi roubada,  
 Minha dignidade violentada.  
 Que nada dos manos se ligar,  
 Parar de se matar.  
 286  
 Amaldiçoar, levar pra longe daqui essa porra.  
 Não quero que um filho meu um dia Deus me livre morra,  
 Ou um parente meu acabe com um tiro na boca.  
 É preciso eu morrer pra Deus ouvir minha voz,

Ou transformar aqui no Mundo Mágico de Oz?  
 Queria que Deus ouvisse a minha voz (que Deus ouvisse a minha voz)  
 Num Mundo Mágico de Oz (um Mundo Mágico de Oz) (2x)  
 Jardim Filhos da Terra e tal,  
 Jardim Hebron, Jaçanã e Jova Rural.  
 Piqueri, Mazzei, Nova Galvão.  
 Jardim Corisco, Fontális e então.  
 Campo Limpo, Guarulhos, Jardim Peri.  
 JB, Edu Chaves e Tucuruvi.  
 Alô Doze, Mimosa, São Rafael.  
 Zaki Narchi, tem um lugar no céu.  
 Às vezes eu fico pensando,  
 Se Deus existe mesmo, morô?  
 Porque meu povo já sofreu demais,  
 E continua sofrendo até hoje.  
 Só que ai eu vejo os moleque nos farol, na rua,  
 Muito louco de cola, de pedra,  
 E eu penso que poderia ser um filho meu, morô?  
 Mas aí, eu tenho fé,  
 Eu tenho fé... em Deus.

### **Mano na Porta do Bar**

(Raio X do Brasil, 1993)

Você viu aquele mano na porta do bar  
 Jogando um bilhar descontraído e pá  
 Cercado de uma pá de camaradas  
 Da área uma das pessoas mais consideradas  
 Ele não deixa brecha, não fode ninguém  
 Adianta vários lados sem olhar quem  
 Tem poucos bens, mais que nada,  
 Um fusca 73 e uma mina apaixonada  
 Ele é feliz e tem o que sempre quis  
 Uma vida humilde porém sossegada  
 Um bom filho, um bom irmão,  
 Um cidadão comum com um pouco de ambição  
 Tem seus defeitos, mas sabe relacionar  
 Você viu aquele mano na porta do bar  
 (aquele mano)  
 Você viu aquele mano na porta do bar  
 Ultimamente andei ouvindo ele reclamar  
 Da sua falta de dinheiro era problema  
 Que a sua vida pacata já não vale a pena  
 Queria ter um carro confortável  
 Queria ser uma cara mais notado  
 Tudo bem até aí nada posso dizer  
 287

Um cara de destaque também quero ser  
 Ele disse que a amizade é pouca  
 Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso  
 Particularmente para mim não tem problema nenhum  
 Por mim cada um, cada um  
 A lei da selva consumir é necessário  
 Compre mais, compre mais  
 Supere o seu adversário,  
 O seu status depende da tragédia de alguém,  
 É isso, capitalismo selvagem  
 Ele quer ter mais dinheiro, o quanto puder

Qual que é desse mano ?

Sei lá qual que é

Sou Mano Brown, a testemunha ocular

Você viu aquele mano na porta do bar

(Aquele mano)

- " Quem é aqueles mano que tava andando com você ontem a noite ?"

- " É uns mano diferente aí que tá rolando de outra quebrada aí,mas é o seguinte, eu tô agarrando os mano de qualquer jeito, certo ? "

- " Nós somo aqui da área mano !? "

- " Não tem nada a ver com você !!! "

- " Já era meu irmão ! já era !!! "

- " Qual que é ? Num tô te entendendo, explica isso aí direito..."

- " Movimento é dinheiro meu irmão... "

- " Você nunca me deu nada !!! "

Você viu aquele mano na porta do bar

Ele mudou demais de uns tempos para cá

Cercado de uma pá de tipo estranho

Que promete pra ele o mundo dos sonhos

Ele está diferente não é mais como antes

Agora anda armado a todo instante

Não precisa mais dos aliados

Negociantes influentes estão ao seu lado

Sua mina apaixonada, linda e solitária

Perdeu a posição agora ele tem várias...

Várias mulheres, vários clientes, vários artigos,

Vários dólares e vários inimigos.

No mercado da droga o mais falado

O mais foda, em menos de um ano subiu de cotação

Ascensão meteórica, contagem numérica,

Farinha impura, o ponto que mais fatura

Um traficante de estilo, bem peculiar

Você viu aquele mano na porta do bar

(Aquele mano)

Ele matou um feinho a sangue frio

As sete horas da noite,

Uma pá de gente viu e ouviu, a distância

Dia de cobrança, a casa estava cheia

Mãe, mulher e criança

Quando gritaram o seu nome no portão

Não tinha grana pra pagar perdão é coisa rara

288

Tomou dois tiros no meio da cara

A lei da selva é assim, predatória

Click, cleck, BUM, preserve a sua glória

Tranformação radical, estilo de vida

Ontem sossegado e tal

Hoje um homicída

Ele diz que se garante e não tá nem aí

Usou e viciou a molecada daqui

Eles estão na dependência doentia

Não dormem a noite, roubam a noite

Pra cheirar de dia

O tal do vírus dos negócios muita perícia

Ele da baixa, ele ameaça, truta da polícia

Não tem pra ninguém no momento é o que há

Você viu aquele mano na porta do bar



(Aquele mano)

" - E aí mano, e aquela fita de ontem a noite ? "

" - Foi um mano e tal que me devia, mó pilantra safado, queria medá perdido... - Negócio é negócio, deve pra mim é a mesma coisa que dever pro capeta, dei dois tiro na cara dele, já era... virou osolhos. "

" - Mas e agora, como é que fica !? "

" - Ih...Sai fora !!! Sai, Sai !!!

Você tá vendo o movimento na porta do bar  
 Tem muita gente indo pra lá, o que será ?  
 Daqui apenas posso ver uma fita amarela  
 Luzes vermelhas e azuis piscando em volta dela  
 Informações desencontradas gente, indo e vindo  
 Não tô entendendo nada, vários rostos sorrindo  
 Ouço um moleque dizer, mais um cuzão da lista  
 Dois fulanos numa moto, única pista  
 Eu vejo manchas no chão, eu vejo um homem ali  
 É natural pra mim, infelizmente  
 A lei da selva é traiçoeira, surpresa  
 Hoje você é o predador, amanhã é a presa  
 Já posso imaginar, vou confirmar  
 Me aproximei da multidão e obtive a resposta  
 Você viu aquele mano na porta do bar  
 Ontem a casa caiu com uma rajada nas costas...

### **Negro Drama**

(Nada como um dia após o outro dia, 2002)

Negro drama,  
 Entre o sucesso e a lama,  
 Dinheiro, problemas,  
 Inveja, luxo, fama.  
 Negro drama,  
 Cabelo crespo,  
 E a pele escura,  
 A ferida, a chaga,  
 289  
 A procura da cura.  
 Negro drama,  
 Tenta ver  
 E não vê nada,  
 A não ser uma estrela,  
 Longe meio ofuscada.  
 Sente o drama,  
 O preço, a cobrança,  
 No amor, no ódio,  
 A insana vingança.  
 Negro drama,  
 Eu sei quem trama,  
 E quem tá comigo,  
 O trauma que eu carrego,  
 Pra não ser mais um preto fodido.  
 O drama da cadeia e favela,  
 Túmulo, sangue,  
 Sirene, choros e vela.  
 Passageiro do Brasil,  
 São Paulo,  
 Agonia que sobrevivem,  
 Em meia as zorras e covardias,

Periferias, vielas e cortiços,  
 Você deve tá pensando,  
 O que você tem a ver com isso,  
 Desde o início,  
 Por ouro e prata,  
 Olha quem morre,  
 Então veja você quem mata,  
 Recebe o mérito, a farda,  
 Que pratica o mal,  
 Me ver,  
 Pobre, preso ou morto,  
 Já é cultural.  
 Histórias, registros,  
 Escritos,  
 Não é conto,  
 Nem fábula,  
 Lenda ou mito,  
 Não foi sempre dito,  
 Que preto não tem vez,  
 Então olha o castelo e não,  
 Foi você quem fez cuzão,  
 Eu sou irmão,  
 Dos meus trutas de batalha,  
 Eu era a carne,  
 Agora sou a própria navalha,  
 Tim..tim..  
 Um brinde pra mim,  
 Sou exemplo, de vitórias,  
 Trajetos e glórias.  
 290  
 O dinheiro tira um homem da miséria,  
 Mas não pode arrancar,  
 De dentro dele,  
 A favela,  
 São poucos,  
 Que entram em campo pra vencer,  
 A alma guarda,  
 O que a mente tenta esquecer,  
 Olho pra trás,  
 Vejo a estrada que eu trilhei,  
 Mó cota  
 Quem teve lado a lado,  
 E quem só fico na bota,  
 Entre as frases,  
 Fases e várias etapas,  
 Do quem é quem,  
 Dos mano e das mina fraca,  
 Hum..  
 Negro drama de estilo,  
 Pra ser,  
 E se for,  
 Tem que ser,  
 Se temer é milho.  
 Entre o gatilho e a tempestade,  
 Sempre a provar,  
 Que sou homem e não covarde.

Que Deus me guarde,  
Pois eu sei,  
Que ele não é neutro,  
Vigia os rico,  
Mas ama os que vem do gueto,  
Eu visto preto,  
Por dentro e por fora,  
Guerreiro,  
Poeta entre o tempo e a memória.  
Hora,  
Nessa história,  
Vejo o dólar,  
E vários quilates,  
Falo pro mano,  
Que não morra, e também não mate,  
O tic tac,  
Não espera veja o ponteiro,  
Essa estrada é venenosa,  
E cheia de morteiro,  
Pesadelo,  
Hum,  
É um elogio,  
Pra quem vive na guerra,  
A paz nunca existiu,  
Num clima quente,  
291  
A minha gente sua frio,  
Vi um pretinho,  
Seu caderno era um fuzil.  
Um fuzil,  
Negro drama.  
Crime, futebol, música, caraio,  
Eu também não consegui fugi disso aí.  
Eu so mais um.  
Forrest gump é mato,  
Eu prefiro conta uma história real,  
Vô conta a minha....  
Daria um filme,  
Uma negra,  
E uma criança nos braços,  
Solitária na floresta,  
De concreto e aço,  
Veja,  
Olha outra vez,  
O rosto na multidão,  
A multidão é um monstro,  
Sem rosto e coração,  
Hey,  
São paulo,  
Terra de arranha-céu,  
A garoa rasga a carne,  
É a torre de babel,  
Família brasileira,  
Dois contra o mundo,  
Mãe solteira,  
De um promissor,

Vagabundo,  
Luz,  
Câmera e ação,  
Gravando a cena vai,  
Um bastardo,  
Mais um filho pardo,  
Sem pai,  
Ei,  
Senhor de engenho,  
Eu sei,  
Bem quem você é,  
Sozinho, cê num guenta,  
Sozinho,  
Cê num entra a pé,  
Cê disse que era bom,  
E a favela ouviu, lá  
Também tem  
Whiski, red bull,  
Tênis nike e  
Fuzil,  
Admito,  
292  
Seus carro é bonito,  
É,  
Eu não sei fazê,  
Internet, video-cassete,  
Os carro loco,  
Atrasado,  
Eu tô um pouco sim,  
Tô,  
Eu acho,  
Só que tem que,  
Seu jogo é sujo,  
E eu não me encaixo,  
Eu sô problema de montão,  
De carnaval a carnaval,  
Eu vim da selva,  
Sou leão,  
Sou demais pro seu quintal,  
Problema com escola,  
Eu tenho mil,  
Mil fita,  
Inacreditável, mas seu filho me imita,  
No meio de vocês,  
Ele é o mais esperto,  
Ginga e fala gíria,  
Gíria não, dialeto  
Esse não é mais seu,  
Hó,  
Subiu,  
Entrei pelo seu rádio,  
Tomei,  
Cê nem viu,  
Nóis é isso ou aquilo,  
O quê?,  
Cê não dizia,

Seu filho quer ser preto,  
 Rhá,  
 Que irônia,  
 Cola o pôster do 2Pac ai,  
 Que tal,  
 Que cê diz,  
 Sente o negro drama,  
 Vai,  
 Tenta ser feliz,  
 Ei bacana,  
 Quem te fez tão bom assim,  
 O que cê deu,  
 O que cê faz,  
 O que cê fez por mim?  
 Eu recebi seu tic,  
 Quer dizer kit,  
 De esgoto a céu aberto,  
 293  
 E parede madeirite,  
 De vergonha eu não morri,  
 To firmão,  
 Eis me aqui,  
 Voce não,  
 Se não passa,  
 Quando o mar vermelho abrir,  
 Eu sou o mano  
 Homem duro,  
 Do gueto, brow,  
 Obá,  
 Aquele louco,  
 Que não pode errar,  
 Aquele que você odeia,  
 Amar nesse instante,  
 Pele parda,  
 Ouço funk,  
 E de onde vem,  
 Os diamantes,  
 Da lama,  
 Valeu mãe,  
 Negro drama,  
 Drama, drama.  
 Aê, na época dos barracos de pau lá na pedreira onde vocês tavam?  
 O que vocês deram por mim ?  
 O que vocês fizeram por mim ?  
 Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho  
 Agora tá de olho no carro que eu dirijo  
 Demorou, eu quero é mais  
 Eu quero até sua alma  
 Aí, o rap fez eu ser o que sou  
 Ice Blue, Edy Rock e Klj, e toda a família  
 E toda geração que faz o rap  
 A geração que revolucionou  
 A geração que vai revolucionar  
 Anos 90, século 21  
 É desse jeito  
 Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?

Você tá dirigindo um carro  
 O mundo todo tá de olho em você, morou?  
 Sabe por quê?  
 Pela sua origem, morou irmão?  
 É desse jeito que você vive  
 É o negro drama  
 Eu não li, eu não assisti  
 Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama  
 Eu sou o fruto do negro drama  
 Aí dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha  
 Mas aê, se tiver que voltar pra favela  
 Eu vou voltar de cabeça erguida  
 Porque assim é que é  
 294  
 Renascendo das cinzas  
 Firme e forte, guerreiro de fé  
 Vagabundo nato!

### **Negro Limitado**

(Escolha o seu caminho, 1992)

"- Aí mano, cê tá dando febre, certo!

- O que é que é mano.

- Cê tem que ter consciência.

- Que consciência que nada, negócio de negro, consciência não tá com nada, o negócio é tirar um barato, morô..!

- Pô mano, vamos pensar um pouco.

- Que pensar que nada, o negócio é dinheiro E tirar um onda..!"

Você não me escuta.

Ou não entende o que eu falo.

Procurro te dar um toque.

E sou chamado de preto otário.

Atrasado, revoltado.

Pode crê.

Estamos jogando com um baralho marcado.

Não quero ser o mais certo.

E sim o mano esperto.

Não sei se você me entende.

Mas eu distingo o errado do certo.

"- Hei mano, você vai continuar com essa idéias, você tá me tirando? Dá licença..."

A verdade é que enquanto eu reparo meus erros.

Você se quer admite os seus.

Limitado é seu pensamento.

Você mesmo quer.

Falar sobre mulher, seu principal passatempo.

O Don Juan das vagabundas, eu lamento

Vive contando vantagem, se dizendo o tal.

Mas simplesmente, falta postura, QI suficiente.

Me diga alguma coisa que ainda não sei.

Malandros como você muitos finados contei.

Não sabe se quer dizer.

Veja só você, o número de cór do seu próprio RG.

Então, príncipe dos burros, limitado.

Nesse exato momento foi coroado.

Diga qual a sua origem, quem é você!

Você não sabe responder.

Negro Limitado.

"- Então, vocês que fazem o RAP aí, são cheios de ser professor, falar de drogas, policia e tal, e aí, mostra uma saída, mostra um caminho e tal, e aí..?"

Cultura, educação, livros, escola.

Crocodilagem demais.

Vagabundas e drogas.

A segunda opção é o caminho mais rápido.

295

E fácil, a morte percorre a mesma estrada é inevitável.

Planejam nossa restrição.

Esse é o título.

Da nossa revolução, segundo versículo.

Leia, se forme, se atualize, decore.

Antes que os racistas otários fardados de cérebro atrofiado.

Os seu miolos estoirem e estará tudo acabado.

Cuidado...!

O Boletim de Ocorrência com seu nome em algum livro.

Em qualquer distrito, em qualquer arquivo, .

Caso encerrado, nada mais que isso.

Um negro a menos contarão com satisfação.

Porque é a nossa destruição que eles querem.

Física e mentalmente, o mais que puderem.

Você sabe do que estou falando.

Não são um dia nem dois.

São mais de 400 anos.

Filho, é fácil qualquer um faz.

Mas cria-los, não, você não é capaz.

Ele nasce, cresce, e o que acontece?

Sem referencia a seguir, cê terá que ouvir.

Um mal aluno na escola certamente ele será.

Mas um menino confuso.

No quarto escuro da ignorância.

Se o futuro é das crianças...!

Talvez um dia de você ele se orgulhara.

Você tem duas saídas.

Ter consciência, ou, se afogar na sua própria indiferença.

Escolha o seu caminho.

Ser um verdadeiro preto, puro e formado.

Ou ser apenas mais um negro limitado.

Negro Limitado

"- É, consciência, consciência, e os outros manos, você é consciente sozinho?"

Faça por você mesmo e não por mim.

Mantenha distancia de dinheiro fácil.

De bebidas demais, policiais e coisas assim.

Enfim, de modo eficaz.

Racionais declaram guerra.

Contra aqueles que querem ver os pretos na merda.

E os manos que nos ouvem irão entender.

Que a informação é uma grande arma.

Mais poderosa que qualquer PT carregada.

Roupas caras de etiqueta, não valem nada.

Se comparadas a uma mente articulada.

Contra os racistas otários é química perfeita

Inteligência, e um cruzado de direita.  
 Será temido, e também respeitado.  
 Um preto digno, e não um negro limitado.  
 Negro Limitado

" - Pode crê, tem tudo a ver, não é não..! Racionais, fio da navalha, pode contar comigo. É isso aí, valeu."  
 296

### **Pânico na Zona Sul**

(Holocausto urbano, 1990)

"Aqui é Racionais MC's, Ice Blue, Mano Brown, KLJay e eu EdyRock."

- E ai Mano Brown, certo ?

- Certo não está né mano, e os inocentes quem os trará de volta?

- É...a nossa vida continua, e ai quem se importa ?

- A sociedade sempre fecha as portas mesmo...

- E ai Ice Blue...

- PÂNICO...

Então quando o dia escurece

Só quem é de lá sabe o que acontece

Ao que me parece prevalece a ignorância

E nós estamos sós

Ninguém quer ouvir a nossa voz

Cheia de razões calibres em punho

Difícilmente um testemunho vai aparecer

E pode crer a verdade se omite

Pois quem garante o meu dia seguinte

Justiceiros são chamados por eles mesmos

Matam humilham e dão tiros a esmo

E a polícia não demonstra sequer vontade

De resolver ou apurar a verdade

Pois simplesmente é conveniente

E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes

E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum

Continua-se o pânico na Zona Sul.

Pânico na Zona Sul

Pânico...

Eu não sei se eles

Estão ou não autorizados

De decidir que é certo ou errado

Inocente ou culpado retrato falado

Não existe mais justiça ou estou enganado?

Se eu fosse citar o nome de todos que se foram

O meu tempo não daria pra falar MAIS...

Eu vou lembrar que ficou por isso mesmo

E então que segurança se tem em tal situação

Quantos terão que sofrer pra se tomar providência

Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência

E com certeza ignorar a procedência

O sensacionalismo pra eles é o máximo

Acabar com delinquentes eles acham ótimo

Desde que nenhum parente ou então é lógico

Seus próprios filhos sejam os próximos

E é por isso que

Nós estamos aqui

E ai mano Ice Blue...

Pânico na Zona Sul

Pânico...



Racionais vão contar

297

A realidade das ruas

Que não media outras vidas

A minha e a sua

Vimos falar

Que pra mudar

Temos que parar de se acomodar

E acatar o que nos prejudica

O medo

Sentimento em comum num lugar

Que parece sempre estar esquecido

Desconfiança insegurança mano

Pois já se tem a consciência do perigo

E ai?

Mal te conhecem consideram inimigo

E se você der o azar de apenas ser parecido

Eu te garanto que não vai ser divertido

Se julgam homens da lei

Mas à respeito eu não sei

Muito cuidado eu terei

Scrath KLJay

Eu não serei mais um porque estou esperto

Do que acontece Ice Blue

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico...

Ei Brown

Você acha que o problema acabou?

Pelo contrário ele apenas começou

Não perceberam que agora se tornaram iguais

Se invertem e também são marginais Mas...

Terão que ser perseguidos e esclarecidos

Tudo e todos até o último indivíduo

Porém se nos queremos que as coisas mudem

Ei Brown qual será a nossa atitude?

A mudança estará em nossa consciência

Praticando nossos atos com coêrencia

E a consequência será o fim do próprio medo

Pois quem gosta de nós somos nós mesmos

Tipo porque ninguém cuidará de você

Não entre nessa a toa

Não de motivo pra morrer

Honestidade nunca será demais

Sua moral não se ganha, se faz

Não somos donos da verdade

Porém não mentimos

Sentimos a necessidade de uma melhoria

A nossa filosofia é sempre transmitir

A realidade em si

Racionais MC's

Pânico na Zona Sul

Pânico...

298

Certo, certo... Então irmão

Volte a atenção pra você mesmo

E pense como você tem vivido até hoje certo?  
Quem gosta de você é você mesmo  
Nós somos Racionais MC's  
DJ KLJay, Ice Blue, Edy Rock e eu...Brown.  
PAZ...  
Pânico...

**Periferia é Periferia (Em Qualquer Lugar)**

(Sobrevivendo no inferno, 1997)

Este lugar é um pesadelo periférico  
Fica no pico numérico de população  
De dia a pivetada a caminho da escola  
À noite vão dormir enquanto os manos "decola"  
Arrastado pela rua o pobre do elemento, o inevitável linchamento, imaginem só!  
Ele ficou bem feio, não tiveram dó.  
Os ricos fazem campanha contra as drogas e falam sobre o poder destrutivo delas.  
Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro com o álcool que é vendido na favela